

RONALD WEGNER NETO

A ECONOMIA PURA DE VILFREDO PARETO: INFLUÊNCIAS,
DESENVOLVIMENTO E DEBATES

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Fim de Curso como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^o. Marco Antonio Ribas Cavalieri

CURITIBA
2013

TERMO DE APROVAÇÃO

RONALD WEGNER NETO


A ECONOMIA PURA DE VILFREDO PARETO: INFLUÊNCIAS, DESENVOLVIMENTO E DEBATES

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Fim de Curso como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Marco Antonio Ribas Cavaliere
Departamento de Economia, UFPR



Prof.ª Dr.ª Adriana Sbicca Fernandes
Departamento de Economia, UFPR



Prof. Dr. José Felipe Araújo de Almeida
Departamento de Economia, UFPR

Curitiba, 2013.

Aos passarinhos da manhã

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqui a compreensão do meu Pai Ronald Wegner Júnior quando dos meus acessos de preguiça das atividades domésticas durante a elaboração desta monografia. Meus irmãos estão aqui também.

Agradeço aos petianos de Economia, Ciências Sociais, Direito, Psicologia, Filosofia e História com quem troquei palavra, qualquer que seja, sobre a vida, o universo e tudo o mais. Tutores incluídos, diferente das pilhas alcalinas AA que nunca vem na embalagem. Especialmente ao Newton Gracia com quem participei de duas viradas culturais, Thiago Luís que me lembra o Gandalf, Otávio e seus dados milagrosos para passar com o Xiscati, Julia Alencar por ouvir minha picuinhas, Ivan por ter me ajudado em 2 PTs, Léo pelo non-sense, Nelson pelas primeiras lições de Economia, Leonel por ter me mostrado o “Caos, Terror e Psicodelia”, Taveira por estar do meu lado na minha primeira aventura no volante, Danielle por todas as conversas filosóficas, Marina por tem me mostrado Erico Verissimo, Stéfanie por ser chata, Enzo e Leomar (Batman e Robin?) que me conheceram primeiramente como Vladimir, Vanessa da psicologia, Roan de direito e Halina de Sociais por terem aturado minhas demoras sobre o diálogos dos PET, Edmar de Sociais por ter me mostrado Maria Bethânia.

Agradeço aos colegas de curso Ricardo Nascimento (foi petiano também, mas conheço ele melhor fora), que me aturou por 4 anos e com quem fiz os melhores trabalhos da graduação, Vinícius Floriani (idem ao anterior) que não ficou brabo comigo, Karina Sass que veio da física para a economia também, Jacque pelas danças no Simão, Carol Helena e Matheus Reis pelos melhores abraços.

Agradeço aos Baguás pelas constantes comemorações do efêmero e da amizade. Akira e Jhonny, e a monografia de vocês?

Agradeço ao Vinícius Ricardo Tomal, primeiro melhor amigo e companheiro das mais diversas discussões enriquecedoras, ou não, do espírito. Ah! Vinícius Gabriel, você também tá aqui, mas sabe como é, né?

Agradeço aos meus tios Robert Wegner e Elizabeth Wegner Karas por mostrarem que a academia é um caminho possível.

Agradeço à Lara e ao Marco que me orientaram, cada uma a sua maneira e seu tempo.

Agradeço à Feda por um Cachecol que nunca busquei.

Agradeço à Bárbara, que está no Canadá, que me educou musicalmente e mostrou os melhores filmes. Gosto de Tarantino por culpa dessa aí.

Agradeço à Claudia que me atura reclamar até quando está trabalhando. Boatos que ela também gosta de Björk.

Agradeço à Luma, amiga distante geograficamente e próxima do coração, companheira de madrugadas na internet.

Agradeço à vó Ernestina e Vô Ronald.

Agradeço aos professores, mas só aos que me aprovaram nas matérias.

Agradeço ao café, fiel companheiro.

Agradeço enfim ao Monstro Espaguete Voador.

“É certo que, a praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido – e que exigirá tempo, até que minhas obras sejam 'legíveis' –, para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e *não* um 'homem moderno': o *ruminar*”

Friedrich Wilhelm Nietzsche

RESUMO

O presente trabalho busca estabelecer como Vilfredo Pareto trabalhou com a Economia Política enquanto ciência abstrata, conhecida como: Economia Pura. Para tal empreendimento é-se necessário percorrer o caminho de suas principais influências intelectuais, onde se encontram a influência de Auguste Comte no pensamento positivista de Pareto e da “Revolução Marginalista” na Economia Política. Desta última influência há de se notar o papel que Walras desempenhou na formação do sistema do *Cours* de Pareto publicado em 1896-97.

Dadas as considerações sobre os influenciadores intelectuais, pode-se perceber quais as possibilidades com as quais Vilfredo Pareto se deparará para formular novos conhecimentos em uma ciência que, aos seus olhos, ainda não estava completamente autônoma. Trabalhando sobretudo com o *Cours* e com o *Manuél*, de 1909, é possível estabelecer como a Economia Pura paretiana se configura, fornecendo subsídio para a compreensão dos empreendimentos intelectuais que daí derivariam.

Por fim o trabalho perpassa brevemente 4 considerações pertinentes de pesquisa que decorrem da Economia Pura paretiana: [1] os círculos que trabalharam com a teoria do equilíbrio geral em algum nível no entre guerras; [2] a leitura de Tarascio acerca de Pareto e seu papel no marginalismo; [3] o debate sobre a questão da utilidade cardinal-ordinal em Pareto; e [4] o papel subjetivo que o cientista paretiano desempenha ao não ter regras rígidas para limitar-se a trabalhar com o critério apofântico para determinar uma boa teoria em contraposição com um critério simplificador das teorias.

Grandes são as contradições de visões que existem ao se tratar da obra de Pareto. Este trabalho buscou compreender algumas das posições e contraposições que suscitam da obra paretiana referentes à Economia Pura.

Palavras-chave: Economia Pura. Metodologia e Teoria Econômica. Vilfredo Pareto. Analogia Mecânica. Subjetividade.

ABSTRACT

The present work tries to establish how Vilfredo Pareto worked with Political Economy as an abstract science, known as: Pure Economics. For this purpose it is necessary to go through the way of his main intellectual references, where we find Auguste Comte's influence, with the positivist thought in Pareto, and the "Marginal Revolution" in Political Economy. From this last influence we must notice the Walras' role with the system of the *Cours*, from Pareto, published in 1896-97.

After considering these intellectual references, it is possible to notice which are the possibilities that Pareto had in his sight to formulate new knowledge in a science that wasn't fully autonomous. Working with the *Cours* and the *Manuél*, from 1909, it is possible to establish how paretian Pure Economics were configured, giving us material to comprehend the intellectual works that emanates from this works.

At last the work pervade briefly 4 main ways of research that follows from Pareto's Pure Economics: [1] the circles that have worked with the general equilibrium theory in some level in the interwar; [2] Tarascio's reading about the role of Pareto in the marginalism; [3] the discussion about the cardinal-ordinal utility in Pareto; and [4] the subjective characteristics, that define the paretian scientist, when he does not have hard rules to choose between a realistic and complex theory or a generalized one. Huge are the contradictions between the ways with which Pareto is treated. This work has searched to comprehend some points and counterpoints that Pareto's work and its Pure Economics creates.

Key words: Pure Economics. Economic Methodology and Theory. Vilfredo Pareto. Mechanical Analogy. Subjectivity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 AUGUSTE COMTE E A “REVOLUÇÃO MARGINALISTA” COMO TRADIÇÕES INTELLECTUAIS DE VILFREDO PARETO	10
2.1 A INFLUÊNCIA DE AGUSUTE COMTE.....	10
2.2 A INFLUÊNCIA DA “REVOLUÇÃO MARGINALISTA”.....	15
2.2.1 A Influência de Walras.....	20
2.3 SÍNTESE DAS INFLUÊNCIAS INTELLECTUAIS DE PARETO.....	24
3 METODOLOGIA E TEORIA DA ECONOMOIA PURA DE PARETO	27
3.1 A ECONOMIA PURA NO <i>COURS</i>	27
3.2 A ECONOMIA PURA NO <i>MANUÉL</i>	33
4 CONTRIBUIÇÕES HODIERNAS SOBRE A METODOLOGIA E TEORIA DA ECONOMIA PURA DE PARETO	39
4.1 CÍRCULOS “PARETIANOS”.....	39
4.2 PARETO E O MARGINALISMO EM TARASCIO.....	41
4.3 A QUESTÃO DA CARDINALIDADE OU DA ORDINALIDADE EM PARETO.....	42
4.2 O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NA ECONOMIA PURA DE PARETO.....	45
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste trabalho consiste em apresentar as características principais da Economia Pura de Pareto, como um dos ramos, talvez o principal, da Economia Política enquanto ciência abstrata. O trabalho de Pareto não se configura em uma situação isolada, pois tanto como deriva de uma tradição intelectual, o mesmo cria margem para diversas visões e evoluções de sua teoria.

Dado o exposto, este trabalho só poderia iniciar-se com as considerações históricas anteriores à obra paretiana em Economia Pura propriamente dita. Deve-se buscar nas obras daqueles que influenciaram a obra paretiana fatos que auxiliem a elucidação das possibilidades teóricas de Pareto. Num primeiro capítulo serão expostas as duas principais tradições intelectuais que desembocaram em Pareto, a constar: o positivismo de Auguste Comte e a “Revolução Marginalista”, esta última principalmente com o nome de Walras em um primeiro momento.

Conhecendo algumas possibilidades pelas quais o pensamento paretiano pode percorrer, adentramos enfim nas suas duas principais obras de Economia Política: O Curso de Economia Política (PARETO, 1953a; 1953b) que de agora em diante chamaremos de *Cours* e o Manual de Economia Política (PARETO, 1984) referido a partir de agora como *Manuél* por uma referência a versão francesa de 1909. No segundo capítulo focar-se-á nas contribuições teóricas e metodológicas da Economia Pura destas duas obras, recorrendo quando necessário a textos que forneçam subsídio para a compreensão de certas colocações de Pareto. Ao término desta seção espera-se ter aberto espaço para considerações posteriores a morte de Pareto, abrindo então o último capítulo.

Concluindo o trabalho algumas correntes de pensamento que beberam na fonte paretiana de saber serão expostas, como o círculo da teoria de equilíbrio dinâmico do entre guerras na Itália ou então o círculo paretiano de Harvard da década de 1930. Isto demonstra que mesmo após a morte de Pareto existe ainda alguma vivacidade de seus escritos, que chegarão até os dias de hoje através de Tarascio e seus textos dos anos de 1960-70 e com o debate sobre o papel de Pareto na formulação de uma teoria da utilidade ordinal. Por fim fecha-se o trabalho com uma breve consideração sobre a subjetividade na obra de Pareto, indo assim para a conclusão da obra.

2 AUGUSTE COMTE E A “REVOLUÇÃO MARGINALISTA” COMO TRADIÇÕES DE VILFREDO PARETO

A compreensão dos textos paretianos não é possível puramente através deles mesmos, uma vez que os textos mesmos estão imersos em uma comunidade linguística original (de onde se originou o texto em questão) e que os mesmos serão lidos e reinterpretados por novas comunidades linguísticas no decorrer dos anos. Por isto mais que remontar-se às suas influências intelectuais, há também a necessidade de perceber-se as novas formas que seus textos vieram tomando com autores cada vez mais contemporâneos, para não se cair num possível erro identificado por Skinner, onde:

“The perpetual danger, in our attempts to enlarge our historical understanding, is thus that our expectations about what someone must be saying or doing will themselves determine that we understand the agent to be doing something which he would not – or even could not – himself have accepted as an account of what he was doing.” (SKINNER, 1969, p.6)

Para tanto, neste capítulo buscaremos fundamentar as duas principais tradições teóricas que chegaram às obras de Vilfredo Pareto, fornecendo assim uma maior possibilidade de compreensão do que estava ao seu alcance em termos de cenário histórico e de possibilidades metodológicas. Tais influências teóricas são as leituras de Auguste Comte e a influência da “Revolução Marginalista” pela vertente de Léon Walras, antecessor de Pareto na cadeira de Economia Política de Lausanne.

2.1 A INFLUÊNCIA DE AGUSTE COMTE

Auguste Comte, o criador do termo positivismo, é tido como uma das principais influências nas obras de Vilfredo Pareto, tanto que não é difícil acharmos afirmações como a de Tarascio, que recorrendo à Pantaleoni e Bobbio nos diz:

“Pantaleoni tells us that Pareto was influenced by Comte quite early in his intellectual development. More recently Bobbio has concluded that 'Pareto's philosophical and methodological learnings undoubtedly derive from Comte'.²” (TARASCIO, 1966, p. 47)

1 Tradução livre: O perpétuo perigo, em nossas tentativas de aumentar nossa compreensão histórica, são que nossas expectativas sobre o que alguém estaria dizendo ou fazendo determinarão nossa compreensão de que o agente estaria fazendo algo que ele mesmo não reconheceria – ou até mesmo nem poderia – como algo que poderia ter feito

2 Tradução livre: Pantaleoni nos mostra que Pareto foi influenciado por Comte bastante cedo em

É dentro destas informações que adentraremos aos poucos no sistema de Auguste Comte. Deve-se, também, levar em conta que por mais que Comte tenha influenciado Pareto, não é tão direta esta linha de influência, como identifica Melazzini ao ler a obra "*L'Italia di Vilfredo Pareto. Economia e Società in un carteggio del 1873-1923*" de Busino, onde constata:

"Ma un tale riguardo verso il metodo scientifico è ben lungi dal vertere in uno sterile positivismo. Sin dalla giovinezza il Pareto si rende ben conto di quanto sia "religioso" più che scientifico l'insegnamento di Comte.³" (MELAZZINI, 1999, p. 41)

Porém, mais do que ver-se as constatações de outros autores, é preciso perpassar brevemente pelas ideias de Comte que possam traçar um paralelo com algumas noções paretianas.

Já no Curso de Filosofia Positiva, encontra-se a evolução do conhecimento humano em três fases: [1] a fase teológica, [2] a fase metafísica e por fim [3] a fase positiva. Sendo que partindo da fase teológica e chegando na fase positiva tem-se a evolução necessária dos conhecimentos humanos, partindo com a física, astronomia e matemáticas como principais ciências que já passaram por tais fases. Sendo-se assim, é necessário que cada vez mais outras formas de saberes humanos passem pelas mesmas fases, sendo que a Sociologia seria para Comte a nova ciência a chegar na fase positiva (ARON, 2008). É acertado que Comte às vezes parece denegrir as duas primeiras formas, considerando apenas a maneira positiva de ver as ciências como relevante para o derradeiro avanço do conhecimento (MILL, 1977). Tanto que Mill colocaria uma revisão dos termos utilizados por Comte:

"En lugar de 'Teológico', nosotros preferiríamos hablar de la explicación 'personal' o 'volitiva' de hechos; em lugar de Metafísico, de lo Abstracto u Ontológico; y el significado de Positivo resultaría menos ambiguamente expresado en el sentido objetivo mediante Fenoménico, y en subjetivo por Experiencial⁴" (MILL, 1977, p. 45)

Esta visão percebida por Mill fornece subsídio para vermos como Pareto pode ter interpretado e seguido tais considerações sobre a evolução do

seu desenvolvimento intelectual. Mais recentemente Bobbio concluiu que 'os aprendizados metodológico e filosófico de Pareto derivam indubitavelmente de Comte'.

3 Tradução livre: Mas tal respeito pelo método científico se encontra bem longe de abranger um positivismo estéril. Pareto desde sua juventude é bastante consciente do que é "religioso" mais do que científico nos ensinamentos de Comte.

4 Tradução livre: Em lugar de 'Teológico', nós preferiríamos falar de explicação 'pessoal' ou 'volitiva' de atos, em lugar de Metafísico, de Abstracto ou Ontológico; e o significado de Positivo seria menos ambíguo se expresso no sentido objetivo de Fenomênico, e no subjetivo por Experiencial.

conhecimento desde seus *Cours* passando pelo *Il Sistemi Socialisti*⁵ (PARETO, 1953) – a única das três obras maiores que Pareto dedicou para assuntos da Economia Política em que encontramos referências diretas a Auguste Comte – e chegando no *Manuél*. Pareto tem uma constante preocupação com a cientificidade, com a positividade da matéria que estava sendo tratada, onde sempre que possível refere-se aos seus rivais – que também seriam rivais do seu positivismo – com algum desdém. Isto é percebido através da sua ironia e constantes críticas. Em outras ocasião será exposto um pouco deste lado de Pareto, por ora vejamos uma primeira percepção do homem e sua subjetividade, coisa que temos já no *Sistemi*:

“L'uomo non è in essere di pura ragione, è anche un essere di sentimento e di fede, e il più ragionevole non può esimersi dal prendere partito, forse anche senza averne netta coscienza, a proposito di alcuni, almeno, dei problemi, la cui soluzione oltrepassa i limiti della scienza. No vi è un'astronomia cattolica e un'astronomia atea, ma vi sono astronomi cattolici ed astronomi atei.”⁶ (PARETO, 1951, p. 4)

Com apenas este começo do *Sistemi* poderia-se iniciar um inquérito sobre a natureza do homem puramente subjetiva, que tanto quanto em Comte (SIQUEIRA, 1988, ARON, 2008) parece existir em Pareto. Mais do que a consideração do homem como um ser subjetivo, existe aqui também uma consideração importante sobre a neutralidade da ciência, uma vez que não existe “astronomia com religião ou falta dela”, mas apenas seus pesquisadores, que podem ou não ajudar à ciência positiva ou não de acordo como ele consegue controlar suas crenças (PARETO, 1951).

Puxando novamente a citação de Mill sobre as terminologias que ele colocaria para tratar a obra de Comte – mesmo que no restante da obra ele utilize os termos do próprio autor do Curso de Filosofia Positiva em respeito às ideias e como foram formadas –, Pareto também parece colocar que a noção de religião depende do homem, ou seja, são (claramente) suas vontades, crenças. Tanto isto se faz presente em suas obras que Raymond Aron (2008) afirma que Pareto coloca todos os “ismos” na mesma categoria de ciências (ou conhecimento), que seria o da religião.

Também, esta historiografia das ideias em 3 estágios parece ter marcado o

5 A partir de então referido apenas como *Sistemi*.

6 Tradução livre: O homem não é um ser de razão pura, é também um ser de sentimento e fé, que nem o mais razoável consegue eximir-se de tomar partido, talvez até sem ter consciência clara, cerca de pelo menos alguns dos problemas, cuja solução vai além dos limites da ciência. Não há astronomia Católica ou astronomia atea, apenas astrônomos católicos e astrônomos ateus.

Sistemi de Pareto, uma vez que encontramos a evolução do pensamento dos sistemas socialistas, desde o pensamento socialista 'religioso', evoluindo para sistemas 'metafísicos' acabando com o socialismo científico, que corresponderia de alguma maneira ao pensamento positivista, sobretudo com o marxismo. Mesmo que este fosse o caso mais elevado – dentro de um pensamento de linha religião-metafísica-positivo – do socialismo, Pareto não evita alfinetadas:

“Il *Capitale* di Marx è il libro santo del socialismo e possiede in grado eminente i caratteri che si notano in tutti i libri santi, ossia l'indeterminatezza e l'oscurità. I marxisti parlano con disdegno della gente che non comprende Marx; ma siccome non si accordano affatto tra loro, bisogna ammettere che chi ha disgrazia di non comprendere esattamente ciò che Marx ha voluto dire non è del tutto inescusabile.” (PARETO, 1951, p. 474-75)

Estas alfinetadas mais que ideológicas poderiam ser explicadas adentrando em outra parte da filosofia Comteana que parece ter influenciado Pareto. Isto visto que como Marx parece construir um sistema onde as condições materiais independem de outras ciências anteriores, ou seja: se Marx coloca o fato Econômico como fundador das possibilidades de análise da sociedade como um todo, este autor não estaria utilizando-se de uma visão positiva de ciência, caindo assim na religião ou metafísica. Existe também aqui uma consideração sobre a metodologia e seu papel bastante relevante para ser analisada, porém tal análise fugiria em partes do escopo do presente trabalho.

Seria necessário, assim, ver como Comte concebeu a distinção de fases de evolução das ciências. Comte observou 6 grandes corpos científicos, sendo que partindo da primeira para as subseqüentes existiria uma relação de dependência. Deste modo há uma hierarquização das ciências que alcançam o grau de conhecimento positivista, que se configura na seguinte ordem:

“1º, Matemáticas; sus tres ramas principales siguen una a la otra según el mismo principio, Número, Geometría, Mecánica. 2º, Astronomía. 3º, Física. 4º, Química. 5º, Biología. 6º, Sociología, o la Ciencia Social, cuyos fenómenos dependen de las principales verdades de todas las demás ciencias, sin las cuales no se pueden entender.” (MILL, 1977, p. 71)

7 Tradução livre: O *Capital* de Marx é o livro santo do socialismo e possui de modo evidente as características que notamos em todos os livros santos, a saber a vaguidão e a obscuridade. Os marxistas falam com desdém daqueles que não compreendem Marx; mas desde que eles não concordam ao todo entre si, precisamos admitir que aquele que não compreenda exatamente o que Marx queria dizer não é totalmente indesculpável.

8 Tradução livre: 1º, matemáticas; seus três principais ramos seguem um após o outro o mesmo princípio, Número, Geometria, Mecânica. 2º, Astronomia. 3º, Física. 4º, Química. 5º, Biologia. 6º, Sociologia, ou Ciência Social, quais os fenômenos dependem das principais verdades de todas as outras ciências, sem as quais não podem ser entendidas.

Com esta hierarquia das ciências encontradas em Comte notamos que isto marcou de certa maneira os escritos de Pareto. Tanto que a compreensão sobre o seu tratamento com uma obra focada no econômico (a obra marxista) pode ser obtido de modo mais claro e direto.

Outro ponto que foi encontrado e fornece maior subsídio para a explicação da visão de ciência da Pareto é a distinção entre ciências abstratas e ciências concretas, sendo as primeiras baseadas em leis elementares, leis primárias para a compreensão do fenômeno estudado; já as ciências concretas funcionam com a junção de vários fenômenos para estudar uma realidade maior (MILL, 1977). Ainda com John Stuart Mill temos que:

"Las ciencias concretas inevitablemente se desarrollan más tarde que las ciencias abstractas de las cuales dependen. No es que comiencen a ser estudiadas más tarde; por el contrario, son las más pronto cultivadas, dado que en nuestras investigaciones abstractas necesariamente nos ponemos en marcha a partir de hechos espontáneos. Pero, a pesar de que nosotros podamos hacer generalizaciones empíricas, no podemos formar una teoría científica de fenómenos concretos hasta que las leyes que los gobiernan y explican sean conocidas primero; y estas leyes son el sujeto de las ciencias abstractas."⁹ (MILL, 1977, p. 68-9)

Mais que isto e ainda próximo temos com Pareto um adendo interessante sobre os tipos de ciência:

"(...) há duas grandes classes de ciências: as ciências que como a Física, a Química, a Mecânica, podem recorrer à experiências e as que, como a Meteorologia, a Astronomia, a Economia Política, não podem ou apenas dificilmente podem recorrer à experiência e que devem se contentar com a observação. (...) Não há, não pode haver, outro critério sobre a verdade de uma teoria que não seja sua concordância mais ou menos perfeita com os fenômenos concretos. (...) As ciências que somente podem utilizar a observação separam pela abstração certos fenômenos de outros; as ciências que podem igualmente servir-se da experiência realizam materialmente essa abstração; mas a abstração constitui para todas as ciências a condição preliminar e indispensável de toda pesquisa." (PARETO, 1984, p.18)

Percebe-se uma leve mudança do caráter entre ciência abstrata vs concreta como Mill percebeu em Comte, mas por outro lado a ideia de uma ciência abstrata e de um conhecimento sintético, concreto, permanecem na obra de Pareto, tanto que

9 Tradução livre: As ciências concretas inevitavelmente se desenvolvem mais tarde que as ciências abstratas das quais dependem. Não que comecem a ser estudadas mais tarde, pelo contrário, são as primeiras a serem cultivadas dado que em nossas investigações abstratas necessariamente começamos seu estudo a partir de atos espontâneos. Mas, apesar de possamos fazer generalizações empíricas, não podemos formar uma teoria científica sobre fenômenos concretos até que leis que os governam e os explicam sejam conhecidas anteriormente, e estas leis são os objetos das ciências abstratas.

quando nos referimos ao estudo científico da Economia Política tem-se a Economia Pura, deixando a Economia Política como um conhecimento mais abrangente que pode circundar também na prática, e por isto mesmo ser um um conhecimento concreto.

2.2 A INFLUÊNCIA DA “REVOLUÇÃO MARGINALISTA”

Quando se trata do Pareto enquanto economista, suas influências se remetem muito mais facilmente, muito mais rapidamente à “Revolução Marginalista” de 1870 do que a Auguste Comte. Tanto porque é dos economistas deste período que muito do que Pareto escreveu se baseou, também como foi de Walras que herdou a cadeira de Economia Política da Universidade de Lausanne.

Primeiramente é mister concatenar a ideia da “Revolução Marginalista” com um cenário que pode nos levar até Pareto. Aqui serão exposto outros caminhos que vão de encontro à visão da maioria dos manuais de História do Pensamento Econômico que coloca a tríade Walras, Jevons e Menger num pedestal revolucionário para a Economia; neste trabalho o tratamento se pautará mais num gradualismo, o que nos leva a colocar a renomada revolução entre aspas: “Revolução Marginalista”.

Para alguns, como Tarascio e suas referências, a “Revolução Marginalista” teve seu nascimento já com a tríade Walras, Jevons e Menger, porém o seu gradualismo decorre a partir daí, da década de 1870 até a derradeiro firmamento desta visão teórica em cima das demais.

“[...] the process involved a very long time, and the contributions of various writers differed along the way. The first shots were fired by Jevons, Menger, and Walras in the 1870's, but the battle was still being fought by Pareto in 1897, when he felt it necessary to defend the 'new theories of economics' [...]”¹⁰ (TARASCIO, 1972, p.407)

Com Tarascio, Pareto parece não herdar meramente uma visão metodológica, mas também uma briga metodológica.

“Pareto's role in the marginal revolution went beyond a mere defense of the theories of his predecessors. [...] Actually, Pareto fought several battles simultaneously throughout his career with (1) the German historical school in

10 Tradução livre: o processo envolveu um longo período de tempo, e as contribuições de vários escritores diferentes ao longo do caminho. Os primeiros disparos foram dados por Jevons, Menger e Walras na década de 1870, mas a batalha ainda lutada por Pareto em 1897, quando ele sentiu a necessidade em defender as 'novas teorias da economia'.

defense of theory, (2) the 'literary' economists in defense of mathematical economics, (3) the 'marshalian,' as an advocate of general equilibrium analysis, and (4) those with a hankering for metaphysics.¹¹ (TARASCIO, 1972, p. 407-8)

Poderia-se objetar que Pareto não engrossou o caldo de tal briga, uma vez que no *Manuél* a importância não é tanto o método, mas sim a exposição de fatos, leis, regularidades dos fenômenos econômicos. Tal debate será exposto posteriormente. Interessante notar que no artigo em que Tarascio expõe estas 4 “batalhas”, não há grande desenvolvimento das mesmas, exceto pelo segundo ponto, que é fortemente defendido nas obras de Pareto, porém não como em oposição plena ao que Tarascio colocou como economistas “literários”.

Até agora foram ditas brevidades sobre o que Pareto parece ter herdado da “Revolução Marginalista”, porém deve ser exposto a origem desta “revolução”. Siqueira (1988, p.156) sustenta “que o sucesso da 'revolução marginalista' começou com a filosofia de Auguste Comte, e as tentativas de sua aplicação na disciplina isolada da Economia Política”. Tomar este ponto de vista não tão trivial, mas bastante interessante, mostra que mais do que Comte influenciou Pareto diretamente, temos que indiretamente Pareto mais uma vez depende das possibilidades engendradas pelo gênio positivista, mesmo que encontremos farpas em relação a Comte em algumas obras suas.

Parte da afirmação do Wandyr Hagge Siqueira decorre das críticas que Auguste Comte colocara para a Economia Política, passando desde a deficiência no treinamento sobre o mundo científico e suas verdades mais básicas pelos economistas até seu tempo, sobre suas constantes digressões metafísicas e também sobre as inúmeras rupturas que pareciam originar de autor a autor, de modo que os economistas não tinham chegado a uma linha teórica em comum que pudesse enfim evoluir; deste íterim que Mill se coloca como herdeiro de Comte, configurando-se assim como um dos maiores economistas do século XIX (SIQUEIRA, 1988, p. 156-9) – tanto Mill se encontra como herdeiro de Comte, que o mesmo escreveu uma obra denominada “Auguste Comte and positivism”, publicado em 1865. No decorrer da dissertação de Siqueira, este mostra como Mill tentando manter o método indutivo, acaba por confundir-lo com indecisão:

11 Tradução livre: O papel de Pareto na revolução marginalista foi além da simples defesa das teorias de seus predecessores. [...] Na verdade Pareto lutou várias batalhas simultaneamente através de sua carreira contra (1) a escola histórica alemã na defesa da teoria, (2) os economistas 'literários' na defesa da economia matemática, (3) os 'marshalianos' como um advogado da análise de equilíbrio geral, e (4) contra aqueles que flertavam com a metafísica.

“Para Mill, mesmo que conhecêssemos todos os dados relevantes, ainda assim a natureza da Economia Política seria incerta. É certo que os reparos que Mill fez ao positivismo avariaram a consistência lógica desta afirmação. Mas sendo assim (e até porque Mill não se apercebeu da diferença entre indução e incerteza) ele estaria disposto a defender a 'subjetividade' ad hoc.” (SIQUEIRA, 1988, p. 167)

Seguindo Mill temos ainda Cairnes que transfigura a falta de percepção entre indução e incerteza.

“O problema da incerteza tinha finalmente se confundido com o problema da indução. O que é incerto o é por falta de informação. E se, incerteza e indução se confundem, segue-se que a manutenção do princípio da subjetividade passa a ser uma questão de fé” (SIQUEIRA, 1988, p. 169-170)

Finalmente temos então “na década de 1870” prontas “todas as condições necessárias e suficientes para o sucesso da 'revolução marginalista'.” (SIQUEIRA, 1988, p. 171).

Desta breve exposição da posição de Siqueira sobre a “Revolução Marginalista” podemos incrementar com a visão de Mirowski. Colocação esta que, mais do que reconstruir as origens da “Revolução Marginalista”, retrança o desenvolvimento da teoria econômica a partir da década de 1870 com as analogias físicas. Quando se avança sobre a obra de Pareto não se pode ignorar este ponto, mas também, é bem verdade, não é possível garantir que apenas esta visão forneça as características de todas as analogias que encontramos em Pareto. É necessário expôr este aviso já agora devido a forte afirmativa de Mirowski, que não pode, não consegue, firmar-se válida em todas as circunstâncias e para todos os autores que em algum momento atuaram na “Revolução Marginalista”. É relevante também notar que como a exposição de Siqueira trata de questões epistemológicas das aberturas para o método da física penetrar na Economia Política; Mirowski verifica como as analogias com a ciências físicas se configuram com a disciplina da Economia Política, em vias de realizar sua “independência teórica”, mesmo que:

“(…) the progenitors of neoclassical economic theory boldly copied the reigning physical theories in the 1870s. The further one digs, the greater the realization that those neoclassicals did not imitate physics in a desultory or superficial manner; no, they copied their models mostly term for term and symbol for symbol, and said so.¹²” (MIROWSKI, 1989, p. 3)

12 Tradução livre: os progenitores da teoria econômica neoclássica ousadamente copiaram a reinante física nos anos de 1870. Quanto mais fundo se vai, maior é a realização de que estes neoclássicos não imitaram a física de modo desconexo ou superficial; não, eles copiaram seus modelos na maioria termo a termo e símbolo por símbolo, e disseram isto.

A afirmação de Mirowski na abertura de seu trabalho tem um peso bastante importante, dando o teor que seu trabalho seguirá. Mas os trunfos da visão de Siqueira não se encerram. Depois da abertura através da filosofia positiva de Comte seguindo a linha Mill-Cairnes na Economia Política – assunto que ele abordou no segundo ensaio dos três que formam sua dissertação de mestrado –, temos ainda a questão do problema da previsão que também preocupava os economistas cada vez mais. Pode-se dizer que havia uma grande pressão das ciências físicas e sua exatidão no desenvolvimento da Economia Política desde Smith à “Revolução Marginalista” (século XVIII e XIX). Tanto isto ocorria, que a Economia Política se via cada vez mais adentrando nas esferas de uma nova percepção temporal, onde não mais a ciclicidade do passado explicando o presente – como as estações que se repetem e deixam entrever a colheita; como o nascimento do primogênito que deverá seguir o pai e originar uma nova família nos mesmos moldes, ou da filha que se tornará como sua mãe – se reproduzirá no futuro originando o conhecimento. Mas agora tinha-se concebido a linearidade do tempo, eliminando a ordem cíclica e repetitiva entre os fatos, estabelecendo-se desta maneira a incerteza nas ciências e na própria visão de mundo. Tanto esta visão de mundo se configurava potente no mundo dos homens com seus mundos abertos à novas possibilidades, à construção do próprio futuro que também os Economistas tiveram que buscar novas certezas (SIQUEIRA, 1988).

“Depreende-se daí a necessidade imperativa que a Economia Política passa a sentir de trazer para seu domínio um arsenal lógico que se funde em fatos mas que ao mesmo tempo seja independente desses fatos. Um arsenal que funcione permanentemente como fio condutor entre o passado e o futuro. Essa lógica 'transportadora' de fatos será fornecida (predominantemente) pela metodologia da física.” (SIQUEIRA, 1988, p.222)

O progressismo do positivismo, ou seja: a vontade de ordenar a evolução das ciências em uma linha lógica recai enfim sobre a Economia Política. Veja-se que em Pareto não temos grandes diferenças, porém não na larga afirmação inicial de Mirowski. Existe uma folga na visão do autor do *Manuél* para uma analogia puramente física. A incorporação deste novo arsenal metodológico em Pareto não se dá tão drasticamente, tanto que sua preocupação não é tanto a destituição de toda metodologia que não aquela que advém da física, mas que o relevante é a necessidade de incorporarmos, também, este método na Economia Política.

“(...) o problema é bastante complexo, pois os fatos objetivos são muito numerosos e dependem, em parte, uns dos outros. Essa mútua dependência faz com que a lógica comum se torne, em breve, impotente, logo que se vá além dos primeiros elementos. É preciso, então, recorrer a uma lógica especial apropriada a esse gênero de estudos, isto é, à lógica matemática. Não há portanto por que falar de um “método matemático” que se *oporia* a outros métodos. Trata-se de um procedimento e demonstração que vem JUNTAR-SE aos outros.” (PARETO, 1984, p.79)

Todavia este tipo de posicionamento, de Pareto (1984) junto da visão de Siqueira (1988) e Mirowski (1989) possibilita inúmeras interpretações da influência da “Revolução Marginalista” nos textos paretianos, ou de sua participação em todo este movimento intelectual. Mirowski ainda coloca o papel de Pareto bastante firme em relação a outros autores no que cerne à “Revolução Marginalista”.

“In some ways, Pareto was the most ruthless proponent of the physical metaphor. In place of the flowery language and Victorian prolixity of Edgeworth, the technocratic obscurity of Walras, or the coy indirect invocation of the philosophy of science by Jevons, Pareto openly admitted from the start from whence the marginalists derived their inspiration, practically daring the reader to express any demurrer(...)”¹³ (MIROWSKI, 1989, p.221)

Todavia, com outros textos pode-se notar que por mais que exista esta afirmação de Mirowski, não raro há também um relaxamento deste critério da analogia física em Pareto. Marchionatti e Gambino (1997) mostram uma comparação entre Fisher e Pareto no que cerne a estas analogias com a mecânica, ou para usar os termos de Mirowski: “metáforas físicas”. Por um lado temos Fisher com sua obra *Mathematical Investigations* de 1892 com uma exaustiva sobreposição da física e seus termos por sua visão econômica e seus novos termos. Os autores deste texto destacam uma diferença entre as analogias traçadas por Fisher e Pareto, uma vez que poderia-se inclusive livrar Vilfredo Pareto de carregar o fardo de ser o mais fervoroso defensor da ‘metáfora física’, vejamos:

“The use of mechanical analogy in Pareto is different from that used by Fisher: abstractions and mechanical analogies in Pareto's work have only the function of an instrument, in accordance with his methodological position.”¹⁴ (MARCHIONATTI; GAMBINO, 1997, p. 1339)

13 Tradução livre: Em alguns aspectos, Pareto foi o mais implacável defensor da metáfora física. No lugar da linguagem floreada e da prolixidade Vitoriana de Edgeworth, do obscurantismo tecnocrático de Walras, ou da indireta e tímida invocação da filosofia da ciência por Jevons, Pareto admitiu abertamente desde o princípio de onde os marginalistas buscaram sua inspiração, praticamente desafiando o leitor a expressar qualquer objeção.

14 Tradução livre: O uso da analogia mecânica em Pareto é diferente daquele de Fisher: abstrações e analogias mecânicas nos trabalhos de Pareto têm apenas a função de instrumento, de acordo

A dupla do artigo ainda completa:

“It is important to note that Pareto considers the analogies worthless 'as demonstrations of a theory'; they only 'better explain some statements which must be verified by experience' [...] In this context, a critique, such as that of Mirowski (1989) [...] seems largely unhelpful.¹⁵” (MARCHIONATTI; GAMBINO, 1997, p. 1345)

Deve se notar que desde a hierarquização e a classificação das ciências de Comte – como percebidas por dois autores que estudaram Comte e utilizamos até agora – são encontradas em alguma medida nos textos de Vilfredo Pareto. Também é mister perceber que o trabalho de Mirowski (1989) pode oferecer um caminho incompleto sobre as obras de Pareto. Note-se que Marchionatti e Gambino (1997) utilizaram largamente o *Cours* devido o período de sua análise (década de 1890). As analogias com a astronomia, física, química ou biologia, que se encontram em suas obras fornecem subsídio para uma maior consideração sobre a possível visão que o autor absorveu de Comte para formular o estudo da Economia Política, ou da metodologia da física. Muito já foi dito sobre algum papel de Pareto em algumas querelas sobre o método e suas influências na Economia Política, tanto através de Comte como através da “Revolução Marginalista” como um todo, mas pouco foi dito sobre suas primeiras lições nesta área.

2.2.1 A Influência de Walras

O primeiro contato de Pareto com a Economia Política, ao que consta, foram os textos de Maffeo Pantaleoni – com quem estabeleceu grande amizade –, que foi quem também o apresentou a Walras.

“Pareto's first exposure to abstract economics seems to have been Pantaleoni's Elementi di economia pura. In fact, it was Pantaleoni who first opened Pareto's eyes to the merits of Walras' work, of which Pareto had had a low opinion.¹⁶” (TARASCIO, 1966, p.8)

Mesmo com esta tal “*low opinion*” com os textos de Walras, Pareto seguiu seus passos teóricos com sua primeira grande publicação: o *Cours*. Nesta obra o

com sua posição metodológica.

15 Tradução livre: É importante notar que Pareto considera as analogias desprezíveis enquanto 'demonstrações de teoria'; elas apenas 'ilustram considerações que devem ser verificadas pela experiência' [...] neste contexto uma crítica como a de Mirowski (1989) parece de pouca valia.

16 Tradução livre: A primeira exposição de Pareto à economia abstrata parece ter sido o *Elementi di economia pura* de Pantaleoni. De fato, foi Pantaleoni quem primeiramente abriu os olhos de Pareto para os méritos do trabalho de Walras, sobre o qual Pareto fez pouco caso.

objeto da Economia Política enquanto ciência se pautava na ideia de ofelividade, termo utilizado para diferenciar a utilidade (a ofelividade) que decorre do consumo de bens da simples noção de utilidade das coisas e ações. Schumpeter adverte também que a partir do *Cours* existe uma ruptura entre a noção do equilíbrio geral de Walras e Pareto:

“[...] as pure theory, Pareto's is Walrasian – in groundwork as well as in most details. Nobody will deny this, of course, as regards Pareto's work until 1900 that centers in the *Cours d'économie politique* (1896-7). This is simply a brilliant Walrasian treatise. Later on Pareto discarded the Walrasian theory of value and based his own on the indifference-curve apparatus invented by Edgeworth and perfected by Fisher.¹⁷” (SCHUMPETER, 1959, p. 860)

Bongiorno fornece, em seu artigo publicado em 1924 e republicado em 1933 sobre as contribuições de Pareto para a Economia Política, uma visão mais presencialista da obra de Pareto, sobretudo do *Cours*.

“Without Pareto, the Theory of General Equilibrium, of which Walras was without question the real founder, would never have acquired the fame which it has now, nor indeed would it have been possible to speak of the Lausanne School. Pareto was not merely the successful populariser; he was also the accomplished developer and perfecter of equilibrium theory. He brought it to a degree of complexity which renders it difficult to the minds of even the most able economists.¹⁸” (BONGIORNO, 1933, p.11)

Aqui existe um ponto de grande discordância entre as diversas vozes que trataram da influência de Walras nas obras de Pareto, mas apenas Bongiorno (1933) e em certa parte Oulés (1950) parecem defender uma uniformidade quase que imutável entre Pareto e Walras. Oulés (1950) no seu compêndio sobre a Escola de Lausanne afirma que toda a metodologia da escola foi construída por ambos os autores, formando assim uma linha que ligaria Walras a Pareto desde as bases mais profundas do tratamento da Economia Política, divergindo em matérias da prática científica e política. Tarascio mostra isto de maneira mais clara:

17 Tradução livre: sobre teoria pura, a de Pareto é Walrasiana – nos fundamentos assim como na maioria dos detalhes. Ninguém negará isto, claro, a respeito do trabalho de Pareto até 1900 centrado no *Cours d'économie politique* (1896-7). Este é simplesmente um brilhante tratado Walrasiano. Posteriormente Pareto descartou a teoria Walrasiana do valor e baseou a sua própria através do advento da curva de indiferença inventada por Edgeworth e aperfeiçoada por Fisher

18 Tradução livre: Sem Pareto, a teoria do equilíbrio geral, da qual Walras foi sem dúvidas o fundador, jamais teria adquirido a fama que tem agora, tampouco seria possível falar da escola de Lausanne.

Pareto não foi meramente o popularizador, ele também concluiu o desenvolvimento à perfeição da teoria do equilíbrio. Ele trouxe um nível tal de complexidade que o torna de difícil compreensão até mesmo para os mais mentalmente hábeis economistas.

“To the disappointment of Walras, his successor at Lausanne was one whose philosophy and practical recommendations were at complete odds with those of his predecessor. According to Schumpeter, although their pure theories were cast in the same mold, their systems of thought and their visions of the social process differed. Walras' philosophy was that of 'petty-bourgeois radicalism' derived from the 'semi-socialist' French writers together with equal justice from utilitarianism. Pareto had had enough reform schemes in Italy, so he was determined to establish economics on 'scientific' grounds devoid, as much as possible, of ethical considerations.¹⁹” (TARASCIO, 1966, p. 11-12)

Ou ainda mais podemos encontrar com Marchionatti e Gambino (1997) mais um traço que configura uma proximidade entre Pareto e Walras, porém com uma distância bastante berrante até mesmo sobre como deve ser guiada a ciência, sobretudo considerando o apreço que Pareto tinha pelo positivismo, assim como abriremos caminhos para recolocar as demais influências deste autor. Veja-se, então, como Fisher está mais próximo de Pareto em um dado grau: o positivismo. Mesmo que – como já vimos – haja diferenças gritantes em como ambos levariam à analogia física. Para Pareto, um cientista levado pelas experiências e pelos fatos e leis que poderíamos sorver da observação o seguinte soaria contraditório com aquilo que a ciência positiva deveria buscar.

“The Walrasian analysis is informed by a rationalist philosophical point of view. This is explicit in *Études d'économie politique sociale*, published in 1896, where Walras outlines a 'realistic utopia,' a society that represents a synthesis of liberalism and socialism. [...] Walras' rationalism does not fit well in the presence of the positivism of Irving Fisher and Pareto, just as his insistence on the rational over the experimental method alienated him from the scientific community, whose appropriation, it is known, he highly regarded.²⁰” (MARCHIONATTI; GAMBINO, 1997, p. 1324-5)

Esta divergência advém daquilo que Pareto sorvera da filosofia comteana. Seguindo a leitura da Tese de Tarascio (1966):

“The observations of Pantaleoni and Bobbio appear to be most valid. There is a striking similarity between Pareto's views on 'logico-experimental' science and Comte's views on 'positive' science. 'Logico-experimental'

19 Tradução livre: Para o desapontamento de Walras, seu sucessor em Lausanne tinha uma filosofia e recomendações práticas severamente diversas das de seu predecessor. De acordo com Schumpeter, mesmo que as suas teorias puras sigam a mesma base, seus sistemas de pensamento e visões do processo social diferiam. A filosofia de Walras era aquela do 'radicalismo pequeno-burguês' derivada dos escritores franceses 'semi-socialistas' com a justiça equitativa do utilitarismo. Pareto vira severas reformas na Itália, de modo que buscara estabelecer a economia no solo 'científico' livre o máximo possível de considerações éticas.

20 Tradução livre: A análise walrasiana está envolta, filosoficamente, por um ponto de vista racionalista. Isto é explícito no *Études d'économie politique sociale*, publicado em 1896, onde Walras desenha uma 'utopia realística' de uma sociedade que representa a síntese do liberalismo e do socialismo. [...] o racionalismo de Walras não combina com a presença do positivismo de Irving Fisher e Pareto, apenas a sua insistência no racional sobre o método experimental o alienaria da comunidade científica, cuja apropriação, é sabido, ele considerava.

science, as defined by Pareto, deals with principles which have their origin in 'observation' and 'experience,' in contradistinction to 'non-logico-experimental' principles of theology and metaphysics.²¹ (TARASCIO, 1966, p. 49)

A configuração das influências de Pareto são bastante dinâmicas, temos que Pantaleoni configurou desde o início de seus estudos em Economia Política como um forte ponto de apoio, sendo enfim substituído por Walras, sobretudo no período que compreende o surgimento e publicação do *Cours* (TARASCIO, 1966; BONGIORNO, 1933). Posteriormente começam as divergências com ambos os autores, chegando no ápice com a publicação do *Manuél*, onde as influências são direcionadas para outro grupo de economistas, chegando até mesmo a se dissociar em partes da “Revolução Marginalista”.

“In economics the materials with which Pareto worked were only partially his own. He was influenced by Cournot, Jevons and Walras. In addition, according to Pantaleoni, his work on utility theory would not have been what it was without Edgeworth and Irving Fisher. Nevertheless, the 'new economic theories' had a much broader meaning for Pareto than that usually associated with the 'marginal utility school.' In a doctrinal perspective, marginal utility theory can be viewed as a revolt against cost-of-production theories of value. In this sense, the marginal revolution was a revolution in value theory. On the other hand, marginal utility theory also represented the general use of maximization techniques in economic analysis. The doctrinal and analytical aspects and their implications are logically distinct. Pareto was a firm supporter of the 'new economic theories' only in qualified way, namely, he gave greater weight to the analytical than to the doctrinal aspects of the theories.²² (TARASCIO, 1972, p. 408)

Quanto a influência de Walras se deslocando para Edgeworth e Fisher é verificável uma larga quantidade de fontes. Lenfant (2012) defende que muito do que a revolução ordinalista foi desde o início se deve ao esforço de Pareto, Fisher e Edgeworth, sobretudo com Pareto e Fisher remetendo-se várias vezes às curvas de

21 Tradução livre: As observações de Pantaleoni e Bobbio parecem ser as mais válidas. Existe uma impressionante similaridade entre a ciência 'lógico-experimental' de Pareto em relação à ciência 'positiva' de Comte. Ciência 'lógico-experimental' em Pareto tem a ver com os princípios da 'observação' e da 'experiência,' em contraposição aos princípios 'não-lógico-experimental' da teologia e metafísica.

22 Tradução livre: Em economia os materiais com que Pareto trabalhou foram apenas parcialmente de sua autoria. Ele foi influenciado por Cournot, Jevons e Walras. Além disso, de acordo com Pantaleoni, seu trabalho sobre a teoria da utilidade não teria sido o que foi sem Edgeworth e Irving Fisher. No entanto, as "novas teorias econômicas" tinham um significado muito mais amplo para Pareto do que aquele que geralmente o associa à "escola da utilidade marginal." Em uma perspectiva doutrinária, a teoria da utilidade marginal pode ser vista como uma revolta contra as teorias de valor do custo de produção. Neste sentido, a revolução marginal foi uma revolução na teoria do valor. Por outro lado, a teoria da utilidade marginal também representou o uso geral de técnicas de maximização em análise econômica. Os aspectos doutrinários e analíticos e suas implicações são logicamente distintas. Pareto foi um firme defensor das "novas teorias econômicas" apenas em certo grau, ou seja, ele deu um peso maior à análise do que aos aspectos doutrinários das teorias.

indiferença. Além deste recente artigo de Lenfant vimos que Schumpeter (1959) também confirma esta visão, ou ainda mais específico seriam as semelhanças levantadas por Machionatti e Gambino (1997) entre Pareto e Fisher, mesmo que durante o período do *Cours*. Weber (2001) também trata bastante da influência de Edgeworth e Fisher na visão de Pareto. Apenas autores bastante próximos do período em que Pareto viveu – sobretudo entre a primeira e a segunda guerra – colocam Pareto como um fiel seguidor de Walras, como Bongiorno (1933) ou Luigi Amoroso (1938), que mesmo reconhecendo as várias influências de Pareto, tais autores ainda o colocaram sob a égide do equilíbrio geral Walrasiano.

2.3 SÍNTESE DAS INFLUÊNCIAS INTELECTUAIS DE PARETO

Depois de todo o exposto haure-se que Pareto derivou parte da sua percepção de Comte, uma vez que o trinômio religião, metafísica e positivismo está presente em suas obras. Também enxergamos tal influência comteana em seu trabalho devido à hierarquização das ciências. Considerando que a Economia deveria depender de outras ciências que se tornariam positivas antes das ciências morais. Veja que tanto no *Manuél* como no *Cours* temos colocações importantes sobre o método matemático. No *Cours* (sec. 580-584) vemos que o método matemático é relevante para lidar com a mútua dependência das variáveis que poderiam surgir em um estudo da Astronomia, ou até mesmo sobre Mecânica. A defesa do método matemático também ocorre para lidar com fenômenos físicos, ou até mesmo relacionar variáveis biológicas com questões econômicas (sec. 187; 189-191) , ou então no *Manuél* (sec. I-20, p.18) quando apenas a Biologia, das 6 ciências hierarquizadas por Comte, não aparece. Oras, também a teoria da evolução de Darwin chega nas obras de Pareto para dar margem à evolução social no *Cours* (622 – 627).

Comte, todavia, não representa uma visão em definitivo nas obras de Pareto, tanto que buscando nas suas obras sociológicas, no caso o *Traité*, não é difícil encontrar já de partida considerações como:

“Jusqu'ici, la sociologie a été presque toujours présentée dogmatiquement. Le nom de positive, donné par Comte à sa philosophie, ne doit pas nous induire en erreur : sa sociologie est tout aussi dogmatique que le Discours sur histoire universelle de Bossuet. Ce sont des religions différentes, mais enfin des religions ; et l'on en trouve du même genre, dans les œuvres de

Spencer, de De Graef, de Letourneau et d'une infinité d'autres auteurs.²³
(PARETO, 1917, p. 3)

Concatenando todas as possíveis influências de Pareto é possível dar início ao seu tratamento científico para a Economia Política, como representante de duas tradições teóricas importantes. [1] A filosofia positiva de Auguste Comte, mesmo que com constantes críticas, muitas vezes colocando-se ao lado da visão de evolução histórica de Spencer, autor que parece ter o positivismo mais próximo de Pareto:

“Spencer no distingue entre la etapa empírica del cultivo de una rama del conocimiento y la etapa científica. El comienzo de cada investigación consiste en reunir conjuntamente hechos sin analizar, atesorando las generalizaciones espontáneas como se presentan a la sagacidad natural. En esta etapa, cualquier rama de la investigación se puede proseguir con independencia de cualquier otra; pero, constituye una de las observaciones del propio Comte que el estudio más complejo, desde un punto de vista científico, entre todos los estudios, el último de todos según sus series, el estudio del hombre como un ser moral y social, lo que, dado su absorbente interés, es cultivado más o menos, por todos, y preeminentemente, por los grandes espíritus prácticos, adquirió, en un período muy temprano, un caudal más elevado, justamente a pesar de las observaciones no científicas, que el de las ciencias más elementales.²⁴” (MILL, 1977, p. 74-5)

E [2] a “Revolução Marginalista”, utilizando-se do equilíbrio geral Walrasiano, ou dos avanços que temos em outras temáticas junto de Fisher e Edgeworth. Mesmo que não seja possível utilizar a tese de Mirowski (1989) completamente para Vilfredo Pareto, como apontaram Marchionatti e Gambino (1997), existem ainda as analogias com a física, com a mecânica.

Todo este debate parece, dentro das leituras de Pareto, um problema resolvido. Tanto é verdade que parece estar resolvido, que toda a discussão sobre as possibilidades da cientificidade da Economia Política já parecem resolvidas com Pareto já no seu primeiro parágrafo do *Cours*.

“ La scienza di cui intraprendiamo lo studio è una scienza naturale come la

23 Tradução livre: Até agora, a sociologia foi quase sempre apresentados dogmaticamente. O nome de positivo, dado pela filosofia de Comte, não deve nos enganar: sua sociologia é tão dogmático como o Discurso sobre a História Universal de Bossuet. Eles são diferentes religiões, mas, finalmente, religiões e encontramos o mesmo tipo, nas obras de Spencer, De Graef, de Letourneau e inúmeros outros autores.

24 Tradução livre: Spencer não distingue entra a etapa empírica de cultivo de um ramo do conhecimento da etapa científica. O começo de cada investigação consiste em reunir conjuntamente fatos sem analisar, valorizando as generalizações espontâneas como se apresentam à sagacidade natural. Nesta etapa, qualquer ramo de investigação pode prosseguir com independência de qualquer outro ramo; mas, constitui uma das observações do próprio Comte que o estudo mais complexo, desde um ponto de vista científico, dentre todos os estudos, e o último de acordo com suas séries, é o estudo do homem com um ser moral e social, o que de acordo com sua absorção é cultivado mais ou menos por todos, e preeminentemente, através dos grandes espíritos práticos, adquiriu muito cedo uma atenção mais elevada, mesmo apesar das observações não científicas como teríamos nas ciências mais elementares.

psicologia, la fisiologia, la chimica, ecc. Come tale, non ha darci precetti; studia dapprima le proprietà naturali di certe cose e risolve poi dei problemi che consistono nel chiedersi: date certe premesse, quali ne saranno le conseguenze?²⁵ (PARETO, [1896-7], 1953, p. 9)

Aqui podem-se tirar algumas análises possíveis. [1] A confusão com o termo ciência natural usado no texto de Pareto como se fosse o termo ciências abstratas que encontramos com Auguste Comte. Logicamente que para discorrer e comprovar em todos os pormenores tal possibilidade seria necessário um estudo mais amplo sobre a relação entre a obra de Comte e Pareto, mas as conclusões que poderíamos tirar com o uso de ciência natural querendo significar ciência abstrata fornece material para percebemos que desde a abertura do *Cours* Pareto já se encontrava na ceara comteana, coisa que só se reforçaria com as inúmeras analogias com as mais diversas áreas. Mostrando, assim, que a Economia Política precisava de todas as outras ciências anteriores a ela para se fazer percebida como uma ciência natural/abstrata.

[2] Outra possibilidade se encontra no diagnóstico fornecido por Mirowski, quando fala que os economistas neoclássicos se basearam sobretudo na analogia física, substituindo pouco – ou nem isto – as formulações desta ciência para lidar com a Economia Política.

Mas, como visto, no caso do Pareto não podemos afirmar prontamente nem a primeira proposição, nem a segunda. Somente a junção dos dois diagnósticos poderiam resolver o meio pelo qual Pareto trabalhou com a Economia Política.

25 Tradução livre: A ciência de que empreenderemos o estudo é uma ciência natural como a psicologia, a fisiologia, a química, etc. Como tal, não dos dá ensinamentos, estuda primeiramente as propriedades naturais de certas coisas e resolve a seguir os problemas que consiste em perguntarmos: dadas certas premissas, quais serão as consequências?

3 METODOLOGIA E TEORIA DA ECONOMIA PURA DE PARETO

Pareto iniciou seus estudos de Economia na casa dos Ferrara, sendo que sua primeira leitura de Economia Pura teria sido o tratado de Maffeo Pantaleoni, que o introduziu enfim a Walras (SCHUMPETER, 1958). Nesta seção serão introduzidos os principais traços metodológicos encontrados no *Cours, Manuél* sobre Economia Pura. Parte-se, assim, do *Cours* desde seu primeiro parágrafo até as considerações fundamentais de Pareto para tornar a Economia Política uma ciência de fato. Uma primeira aproximação então da Economia Política enquanto ciência será a Economia Pura, referindo-se assim principalmente à primeira abstração necessária para dar origem a uma ciência autônoma e positiva.

3.1 A ECONOMIA PURA NO COURS

Foi visto no capítulo anterior como Pareto inicia seu *Cours*, tratando inclusive a Economia Política como uma ciência natural (sec. 1). Isto tanto poderia derivar de uma concepção muito própria do positivismo comteano em Pareto, quanto de um acerto do diagnóstico de Mirowski sobre a “Revolução Marginalista”. Isto se deve em termos a uma junção das duas possibilidades, que poderíamos identificar como um possível traço da tradição Walras-Pareto para a Economia Política. Tal visão representa uma certa motivação do estudo que consiste em eliminar os julgamentos morais da Economia Pura, tendo como consequência evitar trazer informações úteis para a gestão da coisa pública ou dos particulares (mesmo que muitas vezes os autores pareçam desrespeitar tal regra em suas obras). A afirmação de que a Economia Política não pode dar sugestões práticas, também se verifica na Sociologia de Pareto onde Aron observa que “O objetivo do sociólogo, ao estudar as condutas não-lógicas²⁶, é a verdade, não a utilidade; nada indica que haja coincidência entre estas duas noções” (ARON, 2008, p. 598). A estas motivações (da Economia Pura e da Sociologia de Pareto), Tarascio (1966) apontou como “neutralidade ética”, porém em um sentido mais amplo, em concordância com Aron (2008); ambos notam que a ciência “lógico-experimental” de Pareto tem como objetivo obter as verdades (tanto na Economia Política Pura, quanto na Sociologia)

26 Aqui nos referimos ao objeto da Sociologia em Pareto. Seguindo Aron ainda: “Na primeira parte do *Traité de sociologie générale*, Pareto se propõe portanto estudar logicamente as ações não-lógicas[...]” (ARON, 2008, p.597)

através das observações e experiências, em contraposição com a Teologia e a Metafísica, eliminando os julgamentos de valor e utilidade. Andrew Bongiorno soma-se ao coro.

“As pure scientist he (**Pareto**) accumulated facts and pointed out the uniformities that exist among them, careless of the relation of these uniformities to social utility. For this reason the influence of Pareto's work cannot be a practical influence.²⁷” (BONGIORNO, 1930, p. 351, adendo meu).

Pareto parece ter esta visão desde o *Cours*, que percebe-se constante no decorrer de sua obra. Considerando já que no *Cours*, onde pode-se apreender as primeiras considerações sobre a Economia Pura, que de certa maneira ainda não diferem muito da de Walras (SCHUMPETER, 1959, p. 860), mesmo que em vários outros critérios que cercam o Estudo da Economia ambos os autores se distanciam severamente (SCHUMPETER, 1958).

Concorda-se, assim, com Schumpeter, pois em um primeiro momento o *Cours* de Pareto e o *éléments* de Walras de 1874 se assemelham, não apenas no que cerne a motivação do estudo da Economia Política como ciência pura, mas enquanto tratados de uma mesma tradição teórica. Não se deve, pois, espantar-se com as primeiras definições sobre Economia Pura que temos nas obras de Walras e de Pareto (1953), isto porque Mirowski (1989) já forneceu suficientes avisos de que a retórica do período marginalista e neoclássico é recheada de semelhanças com as ciências naturais. Mesmo que outra possível explicação venha com a visão de Siqueira (1988) com a invasão do positivismo Comteano na Economia Política. Destarte, Pareto em seu *Cours*, mostra que não aprendeu apenas com Walras a fazer o uso de tais analogias, mas que também compreendeu as críticas e sugestões de Comte quando se falou da “positivação” do estudo da Economia Política com base nas ciências físicas, tradição esta relevantíssima tanto para a “Revolução Marginalista” (SIQUEIRA, 1988). Há também autores que afirmam que parte da metodologia de Pareto derive de John Stuart Mill, sobretudo no que cerne ao método lógico-experimental (TARASCIO, 1966)

Seguindo do diagnóstico da “Revolução Marginalista” proposta por Siqueira (1988), em consonância com as ideias de Mirowski (1989), percebe-se que a retórica que tem como objetivo fazer da Economia Política uma ciência natural

27 Tradução livre: Como cientista purista ele (**Pareto**) acumulou fatos e apontou para uniformidades que existem entre eles, não se importando da relação destas uniformidades com a utilidade social. Por esta razão a influência dos trabalhos de Pareto não pode ser de influência prática.

desde sua consideração primeira, e por assim ser considerada é que se poderá então não fazer distinção de métodos. Por assim dizer, o que levou anos após os primeiros avisos de Comte para ser aceito na Economia Política com o advento da “Revolução Marginalista”, o autor do *Cours* resolveu nas cinco primeiras linhas de seu tratado (PARETO, 1953, p. 9-10). Observa-se no parágrafo citado, de maneira ainda bastante sucinta o caráter do método dedutivo, que em Economia Pura se aprofundará, na linhagem Walras-Pareto. Considerando as várias vezes que afirmam que Pareto foi o originador, formador de fato da escola de Lausanne (SCHUMPETER, 1958; 1959, TARASCIO, 1966), deve-se então verificar as principais características do que Walras e Pareto tem em comum sobre a Economia Política.

Em Pareto, no *Cours*, temos uma construção de um objeto principal que será modificado no *Manuél*. Temos nesta primeira obra de Pareto a construção do termo ofelimidade, como um meio de diferenciar a satisfação tida pelo consumo de bens da utilidade como um termo amplo e contrário ao que é nocivo. Esta definição tem sua importância na obra de Pareto e sua busca por delimitar com firmeza alguns conceitos, uma vez que a Economia Política ainda era uma ciência nascente e precisava destas figuras bem definidas para o prosseguimento da ciência.

Seguindo então para as principais características da Economia Pura, utilizando-se do volume especificamente dedicado à Escola de Lausanne – parte integrante de uma coleção organizada sobre a direção do Professor Louis Baudin – publicado em 1950, com textos escolhidos e comentados por Firmin Oulès, encontra-se um resumo das características pertinentes às obras de Pareto e Walras, onde Oulès identifica duas esferas em que a Escola de Lausanne pode ser caracterizada. A primeira categoria identificada por Oulès vem do ponto de vista “*de la forme*” e a segunda do ponto de vista “*du fond*”²⁸. Na primeira categoria, temos três características, que são:

“1° la constitution d'une discipline autonome : l'économie pure ; 2° l'emploi de la méthode des approximations successives ; 3° l'application de la logique mathématique sous forme de principes du calcul algébrique à certains problèmes économiques et principalement de l'économie pure (L. Walras) ou de l'interdépendance (Pareto).”²⁹ (OULÈS, 1950, p.15)

²⁸ *La forme* será utilizado como aspectos metodológicos e *Du fond* como aspectos teóricos.

²⁹ Tradução livre: “1° a constituição de uma disciplina autônoma: a economia pura; 2° o emprego do método das aproximações sucessivas; 3° a aplicação da lógica matemática de acordo com os princípios do cálculo algébrico para certos problemas econômicos, principalmente a economia pura (L. Walras) ou da interdependência (Pareto).”

Que junto das características “*du fond*” que são a [1] noção de equilíbrio econômico geral e [2] a noção da interdependência (OULÈS, 1950, p.27); formariam as principais características da Escola da Lausanne. A questão pertinente da consideração de Pareto em Lausanne é que ele segue as mesmas considerações de Walras na categorização da Economia Pura, remontando a tradição da “Revolução Marginalista”, onde vê-se já em seguida a ideia da aplicação das aproximações sucessivas assim como do uso do aparato matemático. Portanto a análise seguirá as considerações expostas no que Oulès percebeu no que se refere aos aspectos metodológicos. Assim, é necessário identificar como as aproximações sucessivas da escola de Lausanne (OULÈS, 1950) é empreendida por Pareto. Para tanto o seguinte parágrafo parece ser o mais emblemático do *Cours*:

“Prendiamo un esempio assai semplice, e che ci servirà spesso in prosieguo di tempo. Supponiamo si tratti dello studio della forma della terra. È già una nozione estremamente importante sapere che tale superficie si approssima a quella d'uno sferoide; non si tratta però che d'una prima approssimazione. L'astronomia limita le proprie ricerche allo studio di questa forma. La geografia ci fornisce una seconda approssimazione. Sullo sferoide che rappresenta la terra essa traccia i mari, i continenti, le isole; indica le catene di montagne, i fiumi, gli abissi dell'oceano. La topografia dà una terza approssimazione. Tiene conto delle colline, dei poggi, dei ruscelli. Ma nessuna descrizione della superficie del globo potrà mai giungere a tanto da tener conto dell'ultima topaia e dei ciottoli più minuti. Analogamente, l'economia pura ci indica la forma generale del fenomeno; l'economia applicata fornisce una seconda approssimazione indicando i perturbamenti prodotti da cause che erano state trascurate nella prima approssimazione [...]”³⁰ (PARETO, 1953a, p. 24-25)

A busca das justificativas do método das aproximações sucessivas, percebemos na citação, nos fornece indicativo de como se pesquisaria a Economia Pura. Parte-se de uma premissa fundamental, um tipo ideal do fenômeno na qual vem somar-se considerações dos fatos percebidos, novos detalhes, partindo dos mais rudimentares aos mais refinados. A este mecanismo de conhecer alguma disciplina que chamamos 'Método das aproximações sucessivas'. Com o *Manuel*, ainda consonante com o *Cours* no que se refere às aproximações sucessivas e ao

30 Tradução livre: tomemos um exemplo bastante simples, e que nos servirá no decorrer do tempo. Suponhamos que se trate do estudo da forma da Terra. É já uma noção bastante importante saber que tal superfície se aproxima àquela de uma esfera; mas não se trata ainda de uma primeira aproximação. A astronomia se limita ao estudo de tal forma. A geografia nos fornece uma segunda aproximação. Na esfera que representa a Terra, ela traça os mares, continentes, ilhas; indica as cadeias montanhosas, rios e os abismos do oceano. A topografia nos dá uma terceira aproximação. Leva em conta os morros, as clinas, os riachos. Analogamente, a Economia Pura nos mostra a forma geral do fenômeno; a economia aplicada fornece uma segunda aproximação indicando os perturbamentos que são produtos de causas antes negligenciadas na primeira aproximação.

método “lógico-experimental” temos:

“(…)que não conhecemos inteiramente nenhum fenômeno concreto, nossas teorias sobre esses fenômenos são apenas aproximativas. Somente conhecemos fenômenos ideais, que se aproximam mais ou menos dos fenômenos concretos. Estamos na situação de um indivíduo que apenas conhecesse um objeto por meio de fotografias. Qualquer que seja a perfeição delas, sempre diferem de algum modo do próprio objeto. Portanto, não devemos julgar sobre o valor de uma teoria pesquisando se ela se afasta de algum modo da realidade, já que nenhuma teoria resiste e jamais resistirá a esta prova.”(PARETO,1984, p. 16)

Tarascio (1966) chega inclusive a afirmar que o método paretiano é neste aspecto semelhante ao weberiano. Claro que esta visão comparativa por Tarascio deixa muito a desejar considerando o paradigma da linguagem como ele chegou, por exemplo, em Quentin Skinner no seu texto 'Meaning and understanding in the history of Ideas' (1969). Não se pode afirmar que Pareto em *Economia Pura* segue uma metodologia próxima da de Weber apenas pela semelhança de ambas as obras, deve-se averiguar a proximidade de ambos autores, proximidade esta que parece nunca ter existido. Afirmar a similaridade metodológica é algo bastante distinto de se afirmar concordância sobre assuntos metodológicos, tanto que a primeira análise poderia ser levada a cabo, porém a segunda (sobre concordância) carece de informações que provem um intercâmbio de ideias entre os dois autores.

Uma diferença que poderia ser citada entre Pareto e Weber neste aspecto se deve ao caráter dedutivo que Pareto herdara da “Revolução Marginalista” e do aspecto indutivo que Weber herdara da “Escola Histórica Alemã”.

Vale notar que no *Cours* o grosso daquilo que define a *Economia Pura* se encontra no capítulo introdutório, sendo os capítulos restantes mais voltados à *Economia Aplicada*. Durante o restante da obra poucas contribuições para a definição da *Economia Pura* são dados.

Até aqui foi exposto brevemente um pouco sobre a possibilidade da autonomia da *Economia Política* através da cópia dos métodos dedutivos, desembocando na linhagem Walras-Pareto com o avanço das aproximações sucessivas. Deste jeito a cada incorporação de novas considerações teóricas nos aproximamos da realidade, mas para tanto é necessário uma lógica que possa abranger mais criteriosamente os termos teóricos até então traçados. Assim o próximo assunto que se torna pertinente dentro do *Cours* de Pareto para a *Economia Pura* – mais do que tentar resolver um dos possíveis equívocos de Tarascio (1966) da relação Pareto-Weber – é a questão da lógica matemática, lógica

esta colocada com certas distinções entre o *Cours* e o *Manuél*.

No *Cours* as fórmulas e equações chegam sempre pelas notas de rodapé ao passo que o leitor passa pelos parágrafos. Tais equações, derivadas em grande parte das equações da mecânica racional (utilizando-se termos do autor do *Cours*) remontam a questão do equilíbrio, onde várias forças equilibrariam um sistema que em um dado momento seria estático. Mas também não só de matemática são compostas as demonstrações rigorosas de Pareto no *Cours*. No prefácio de tal obra fica claro que existem métodos que podem ser úteis durante o estudo da Economia Política, exemplificados pelos método matemático, pela exposição histórica e analogias com a biologia. Durante a obra encontram-se diversas analogias com os mais variados conhecimentos, como se Pareto tivesse claro para si uma espécie de concatenação entre todas as áreas: à semelhança, por um lado, ao pensamento linear de Comte e, por outro, ao da interdependência de Spencer.

A prevalência pelo método matemático que parece existir na obra de Pareto deve-se em parte pelas numerosas referências que o autor faz em suas cartas e outros escritos, mas isto não garante que apenas este seja o método eficaz por excelência – como espera-se que o prefácio do *Cours* tenha deixado claro. Todavia, mais forte que a formulação da Economia Pura em termos matemáticos são as analogias com outras ciências, sobretudo com a mecânica, tanto que junto do §592 poderemos empreender melhor as considerações de que a Economia Pura não é ela todo o assunto do *Cours*, tendo em vista que grande parte desta obra se destina ao estudo da Economia Aplicada. Sobre a Economia Pura observe-se então a seguinte citação de Pareto sobre o fenômeno mecânico comparando-se em seguida com o fenômeno social, sobretudo a Economia Política Pura.

“Questa scienza della meccanica si suddivide essa stessa in due altre. Si considerando dei punti materiali e dei legami inestensibili. Si ha così una scienza pura: la meccanica razionale, che studia in modo astratto, l'equilibrio delle forze e il movimento. La parte più facile è la scienza dell'equilibrio. In principio d'Alembert, considerando le forze di inerzia, consente di ridurre la dinamica ad un problema di statica.

Questa scienza dell'economia politica si suddivide essa stessa in due altre. Si considera l'*homo oeconomicus* che agisce solo in virtù delle forze economiche. Si ha così l'economia politica pura, che studi, in modo astratto, le manifestazioni dell'ofelimità. La sola parte che cominciamo a ben conoscere è la parte che tratta dell'equilibrio. Abbiamo per i sistemi economici un principio analogo a quello di d'Alembert, ma le nostre conoscenze in argomento sono delle più imperfette.³¹” (PARETO, [1896-7],

31 Tradução livre: Esta ciência da mecânica divide-se em outras duas. Considerando-se do ponto material e das ligações inextensíveis. Assim temos uma ciência pura: a mecânica racional, que estuda primeiramente o abstrato, o equilíbrio das forças e movimento. A parte mais fácil é a ciência

1953b, p. 14-15)

Assim na Economia Pura existem 3 subdivisões de estudo: [1] a troca; [2] a produção; e [3] a capitalização. Todas estas esferas de estudo da Economia Pura serão tratadas pela óptica do equilíbrio econômico, à semelhança dos equilíbrios de mecânica racional como estudados pelo princípio d'Alembert.

Ainda sobre a Economia Pura temos que 3 anos após a publicação do *Cours*, Pareto já reconhecia, em uma carta destinada a Croce, que a Economia Pura poderia versar apenas sobre a mecânica do fenômeno econômico, porém como nota Tarascio (1972, p. 419) “Because pure economics deals only with the mechanical aspects of economic phenomena, its ability to solve concrete cases is very restricted.³²” É daí que surge mais uma vez a necessidade das aproximações sucessivas. Isto visto que a Economia Pura desde o *Cours* já parecia fadada ao fracasso no aconselhamento de soluções para casos concretos.

3.2 A ECONOMIA PURA NO MANUÉL

Adentrando no *Manuél*, encontram-se nos dois primeiros capítulos uma sistematização um tanto mais rigorosa sobre a metodologia da Economia Pura em Pareto. Não apenas sobre a Economia Pura, mas da própria visão do autor sobre a cientificidade das ciências sociais e como deveria ser levada a cabo.

Em um primeiro momento é mister notar a neutralidade ética que abre esta obra, contraposta a duas visões que não incorreriam em conhecimento científico. Deste modo o pesquisador pode: [1] “recolher receitas úteis aos particulares e às autoridades públicas para sua atividade econômica e social”; [2] “O autor pode acreditar estar de posse de uma doutrina que lhe parece excelente, que deve propiciar todo o tipo de benefícios a uma nação ou mesmo ao gênero humano e se propor sua divulgação, como o faria um apóstolo, a fim de tornar as pessoas felizes, ou, simplesmente, como diz a fórmula consagrada, ‘para fazer um pouco de bem’.”

do equilíbrio. No princípio d'Alembert, considerando a força da inércia, permite reduzir a dinâmica a um problema de estática.

Esta ciência da Economia Política se subdivide em outras duas. Se consideramos o *Homo oeconomicus*. Temos assim a Economia Política Pura, que estuda, de modo abstrado, a manifestação da ofelividade. A única parte que começamos a conhecer bem é a parte do equilíbrio. Temos nos sistemas econômicos um princípio análogo ao d'Alembert, mas nosso conhecimento ainda é imperfeito.

32 Tradução livre: Pelo motivo de a Economia Pura lidar apenas com os aspectos mecânicos do fenômeno econômico, a sua habilidade para solucionar casos concretos é bastante restrita.

[3] “O autor pode se propor unicamente pesquisar as uniformidades que os fenômenos apresentam, isto é, suas leis, sem visar nenhuma utilidade prática direta, sem se preocupar de modo algum em dar receitas ou preceitos, sem mesmo buscar a felicidade, a utilidade ou o bem-estar da humanidade ou de suas partes” (PARETO, 1984, p. 11-12).

Aqui, as leis expostas no terceiro meio de pesquisar é que formariam a principal diferença do conhecimento científico dos demais. Tais leis em Pareto recebem, também, o nome de uniformidades.

As leis formam então uma espécie de conhecimento dedutivo, pois uma vez que temos uma série de causas que de acordo com uma lei incorrem em um dado efeito, é razoável esperar que tais efeitos sejam observados. Pareto coloca então que tais leis podem ser parciais e apenas observáveis de acordo com algumas ressalvas, de acordo com condições essenciais para a observação esperada. Assim “[...] as leis científicas não têm uma existência objetiva. A imperfeição de nosso espírito não nos permite considerar os fenômenos em seu conjunto e somos obrigados a estudá-los separadamente.” (PARETO, 1984, p. 14). Somando-se o fato de que também não há meio possível do pesquisador perceber um fenômeno inteiramente em todos os seus pormenores,

“[...] nossas teorias sobre esses fenômenos são apenas aproximativas. Somente conhecemos fenômenos ideais, que se aproximam mais ou menos dos fenômenos concretos. Estamos na situação de um indivíduo que apenas conhecesse um objeto por meio de fotografias. Qualquer que seja a perfeição delas, sempre diferem de algum modo do próprio objeto. Portanto, não devemos nunca julgar sobre o valor de uma teoria pesquisando se ela se afasta de algum modo da realidade, já que nenhuma teoria resiste e jamais resistirá a essa prova.” (PARETO, 1984, p. 15)

Tendo em vista a busca pelas verdades mais próximas possíveis da completude de um determinado fenômeno econômico, Pareto não se coloca contrário a todos os métodos, desde que a proximidade da teoria com os fatos aconteça. Possivelmente a colocação mais emblemática sobre o assunto pode ser encontrada no seguinte parágrafo.

“As discussões sobre o 'método' da Economia Política não têm nenhuma utilidade. A meta da ciência é conhecer as uniformidades dos fenômenos; portanto é preciso empregar todos os procedimentos, utilizar todos os métodos que nos conduzem a essa meta. É na prova que se reconhecem os bons e os maus métodos. O que nos conduz à meta é bom, pelo menos enquanto não se encontrar um ainda melhor. A história é útil porque prolonga no presente a experiência do passado e supre as experiências que não podemos fazer: o método histórico, portanto é bom. Mas o método

dedutivo, ou o método indutivo, que se aplica aos fatos presentes não é menos bom. Onde nas deduções a lógica corrente é suficiente, contentamo-nos com ela; onde não basta substituimo-la (sic), sem qualquer escrúpulo, pelo método matemático. Enfim, se um autor prefere tal ou qual método, não o chicanearmos por isso; simplesmente pedir-lhe-emos que nos mostre leis científicas, sem nos preocuparmos muito com o caminho que seguiu para chegar a seu conhecimento.” (PARETO, 1984, p.23)”

Algum leitor poderia até dizer que Pareto lida com os vários métodos para lidar com os fatos econômicos, considerando-se apenas esta citação. Porém é importante observar que mesmo que por um átimo o autor considere a possibilidade do método indutivo, no período seguinte já se concentra no método dedutivo; mais que isto no método matemático. Das colocações identificadas por Oulés (1950), até agora foram identificadas no princípio do *Manuél* as questões sobre o método. Desde a formação da Economia Pura como a esfera científica da Economia Política axiologicamente neutra; uma primeira pista para a utilização do método matemático; faltando assim adentrarmos naquilo que parece ser o mais intocado aspecto metodológico do *Cours* em relação ao *Manuél*: as aproximações sucessivas.

A base do que são as aproximações sucessivas não se modificam, o que é ganho no *Manuél* são novas considerações de sua importância. Dado a falibilidade do acesso do pesquisador à completude do fenômeno, e tendo em vista o progressismo da ciência em Pareto, poderíamos resumir a derradeira justificativa para as aproximações sucessivas em uma frase sua, de cunho fortemente Comteano, onde: “A ciência está em um perpétuo vir a ser” (PARETO, 1984, p. 16).

Se estas três questões metodológicas permaneceram quase que inalteradas entre as duas obras de Economia Política de Pareto, existe, também, uma outra figura que não parece ter mudado completamente do *Cours* para o *Manuél*, figura esta que vem somar-se ao que Oulés (1950) identificara: a questão do método dedutivo – sendo este o método das ciências naturais por excelência. Além da rápida solução sobre o assunto no 1º parágrafo do *Cours*, no *Manuél* observa-se uma digressão de Pareto sobre o tema, menos imediatista.

“Certos autores têm o hábito de afirmar que a Economia Política não pode servir-se dos mesmo meios que as ciências naturais, 'porque é uma ciência moral'. Sob essa expressão muito imperfeita escondem-se concepções que vale a pena analisar. Inicialmente, no que diz respeito à verdade de uma teoria, não pode haver outro critério além de sua concordância com os fatos, e há apenas um meio de conhecer essa concordância: desse ponto de vista não se poderia encontrar diferença entre a Economia Política e as outras ciências.” (PARETO, 1984, p.23)

Tratando-se da Economia Política e da Sociologia como as duas ciências sociais por excelência de que Pareto trata, nota-se o forte peso que o autor deposita no psicologismo como causa essencial das ações economistas e sociológicas.

“A Psicologia é, evidentemente, o fundamento da Economia Política e, de modo geral, de todas as Ciências Sociais. [...] Devemos partir de alguns princípios empíricos para explicar os fenômenos da Sociologia, assim como da Física e da Química. No futuro, a Psicologia, prolongando mais a cadeia de suas deduções, e a Sociologia, remontando aos princípios sempre mais gerais, poderão juntar-se e constituir uma ciência dedutiva; mas essas esperanças estão ainda longe de se realizar.” (PARETO, 1984, p. 29)

Pareto aceita, como foi visto, que existam vários métodos para entender o fato econômico, isto desde o prefácio do *Cours*. Porém o aspecto dedutivo é fortemente defendido e referenciado no *Manuél*, de modo que não deve restar dúvidas que apenas a absorção das verdades dos fenômenos econômicos – as leis – é possível com mais eficiência no uso de tal método. Isto em partes se deve pelas duas principais características teóricas explicitadas por Oulés (1950): o equilíbrio econômico geral e a interdependência dos fenômenos.

Antes de serem analisadas estas duas esferas teóricas, é necessário o empreendimento identificando qual o objeto de estudo do *Manuél*.

Diferentemente do *Cours* onde a ofelividade era o objeto central que possibilitaria o estudo da Economia Política, no *Manuél* temos o estudo das ações lógicas como a base do estudo da Economia Pura, em contraposição às ações não-lógicas para a Sociologia (PARETO, 1984; ARON, 2008). Um outro ponto necessário de ser constatado é a mudança do agente. Se por um lado temos o *Homo oeconomicus* agindo no *Cours* buscando a ofelividade – sendo a ofelividade o objeto de estudo da Economia Pura de Pareto nesta obra –, no *Manuél* temos um agente racional abstrato (BRUNI; GUALA, 2001) que mesmo chamado de *Homo oeconomicus* por Pareto, este agente não se comporta da mesma maneira. Uma das diferenças que esta mudança suscita é que o pesquisador paretiano no *Cours* teria de se basear sobretudo em quantidades como fatos, principalmente numa ofelividade cardinal; no *Manuél* sendo as ações do agente racional o principal objeto de estudo já é possível lidar com uma ofelividade ordinal. Esta ruptura é identificada por Christian E. Weber (2001) como sendo o ano de 1900, mesmo que em uma carta a Pantaleoni no final de 1899, Pareto já tenha identificado esta mudança de agente e meio de se utilizar da ofelividade (BRUNI; GUALA, 2001).

Esta ruptura que ocorre no pensamento paretiano em 1899-1900 faz com

que o objeto de estudo da Economia Pura no *Manuél* seja estudar “as ações lógicas, repetidas em grande número, que os homens executam para buscar as coisas que satisfazem seus gostos.” (PARETO, 1984, p.79). Aqui a busca da ofelividade é uma condição subjetiva, resolvida pelo agente racional em suas ações repetidas ao longo do tempo. Tanto que no §57 do capítulo 3 do *Manuél* Pareto afirma que basta que os sujeitos nos deixem a uma “fotografia de seus gostos” para podermos trabalhar, então, a Economia Política com o rigor da Mecânica Racional (PARETO, 1984, p. 86, 90). O estudo ainda da ação lógica deste agente racional trás a necessidade dos métodos matemáticos, uma vez que a interdependência existe nesta esfera da ação.

“(…) o problema é bastante complexo, pois os fatos objetivos são muito numerosos e dependem, em parte, uns dos outros. Essa mútua dependência faz com que a lógica comum se torne, em breve, impotente, logo que se vá além dos primeiros elementos. É preciso, então, recorrer a uma lógica especial, apropriada a esse gênero de estudos, isto é, à lógica matemática. Não há, portanto, por que falar de um “método matemático” que se *oporia* a outros métodos. Trata-se de um procedimento de pesquisa e demonstração que vem JUNTAR-SE aos outros.” (PARETO, 1984, p. 79)

A interdependência como um dos principais focos teóricos da Economia Pura necessita claramente do método matemático, como vê-se na citação do *Manuél*. Também quando observa-se a explicação do equilíbrio econômico existe uma mesma preocupação com a tradução dos fatos em termos matemáticos.

“Pode-se dizer que o equilíbrio econômico é o estado que se manteria indefinidamente se não houvesse nenhuma mudança nas condições nas quais o observamos. Se, no momento, nós consideramos apenas o equilíbrio estável, podemos dizer que ele é determinado de tal maneira que, se modificado francamente, tende, de imediato, a restabelecer-se, a retornar a seu primeiro estado. [...]

Ser-nos-á necessário exprimir matematicamente que, tendo sido atingido esse estado de equilíbrio, essas variações, ou esses movimentos, não se produzem; o que significa dizer que o sistema se mantém indefinidamente no estado considerado.” (PARETO, 1984, p. 83)

Veja que o equilíbrio é apenas uma das três possibilidades de se estudar a Economia Pura, como nota Pareto ao dizer que

“O estudo da Economia pura compões de três partes: uma parte estática – uma parte dinâmica que estuda os equilíbrios sucessivos – uma parte dinâmica que estuda o movimento do fenômeno econômico” (PARETO, 1984, p. 82)

Sendo a primeira parte a mais avançada nos tempos de Pareto. Isto corrobora a visão de Pomini e Tusset (2009) quando trabalham a escola italiana de economia dinâmica do entre guerras – que deriva de Pareto –, onde Pareto já tinha

esta noção desde o *Cours*, mas que fora largando a medida que dificuldades lhe surgiam. Também não lhe cabia avançar tudo que a Economia Política tinha de avançar, Pareto estava ciente que sua obra era apenas mais um passo que se somaria aos avanços do estudo das uniformidades em Economia Pura.

4 CONTRIBUIÇÕES HODIERNAS SOBRE A METODOLOGIA E TEORIA DA ECONOMIA PURA DE PARETO

Assim da morte de Vilfredo Pareto no ano de 1923, muitos debates sobre suas obras surgiram. Em um primeiro momento identificam-se alguns círculos que se preocuparam com a ideia do equilíbrio geral, onde a principal contribuição fora expandir tal conceito para outras áreas do saber humano como no círculo de Harvard da década de 1930 (COT, 2001) ou das escola da teoria dinâmica que temos estudada no artigo de Pomini e Tusset (2009). Num segundo momento com Tarascio busca-se compreender o papel de Pareto na metodologia da moderna teoria econômica, assim como do seu papel na “Revolução Marginalista” somando-se a vozes anteriores. Por fim encontramos debates que se arrastam por bastante mais tempo que versam sobre a cardinalidade ou ordinalidade na obra de Pareto, como também do papel de seu trabalho na teoria da escolha.

Estes três momentos serão expostos de forma breve mostrando temas da pesquisa em Pareto que justificam a vivacidade da obra deste autor. Com isto também abre-se caminho para uma nova possibilidade de pesquisa, que será exposta na seção seguinte: versando principalmente sobre aspectos de subjetividade na Economia Pura de Pareto.

4.1 CÍRCULOS “PARETIANOS”

Com Schumpeter no seu colossal *History of Economic Analysis* encontramos rápidas referências a formação de uma escola paretiana na Itália. Schumpeter considera que houve grandes economistas italianos nos anos de 1910-1940, mas que somente Luigi Amoroso e Pietri-Tonelli fariam parte daqueles que herdaram a teoria paretiana (SCHUMPETER, 1959), sendo que Guido Sensini seria incluído por Pomini e Tusset (2009) neste rol de paretianos.

A principal contribuição deste círculo se pautava no equilíbrio dinâmico, ou seja, na segunda parte do estudo da Economia Pura como Pareto colocara no *Manuél*. Amoroso foi possivelmente o mais próximo dos discípulos de Pareto, mais que os outros paretianos do entre guerras por não apenas beber nas obras de Pareto, mas por ter sido assistente de Pareto. Pomini e Tusset ainda colocam Amoroso junto com outros marginalistas no que cerne à conservação da energia.

“Following Philip Mirowski's (1989) interpretation, Amoroso can be certainly added to Walras, Jevons, Fisher, and Pareto, those who recognized that 'utility' had some features in common with the notion of 'energy.' But Amoroso did more, in that he looked for those features in the dynamic productive system as well. He argued that the energetic metaphor suits production only in the stationary state, when prices can be interpreted not only as signs of scarcity but also as coefficients of transformation between two forms of energy: kinetic (output) and potential (costs). Outside the stationary state, the principle of the conservation of energy does not hold and the dynamic framework must be supplemented with other conditions, as Amoroso showed by adding monetary energy.³³” (POMINI; TUSSET, 2009, p. 329)

A ruptura encontrada com Amoroso é o da conservação da energia. Tratando-se a dinâmica de tal maneira que não poderia simplesmente incorporar as análises da mecânica como teríamos com Pareto. Mais do que um seguidor, Amoroso fora um crítico.

Um dos autores que fornecem grande apoio em como era visto o equilíbrio econômico, mas que não foi tão levado em conta por Schumpeter é Umberto Ricci. Em 1924, no ano seguinte da morte de Pareto, Ricci publicou no *Giornale degli Economisti* um artigo titulado “*Pareto e l'economia pura*” que fora traduzido em 1933 abrindo o primeiro exemplar do “*The review of economic studies*” o que pode revelar um pouco da importância que se dava ao estudo do equilíbrio econômico geral.

Outro ponto importante, que passa ainda mais brevemente por Schumpeter (1959), é a influência da sociologia de Pareto nos Estados Unidos nos anos de 1930. Em um texto de 1935 de Larrabee já temos um breve relato do que ocorria nesta década. Em 1934 Henderson iniciara estudos sobre a obra paretiana em Harvard. A noção de interdependência agradara bastante Henderson, ao invés da simples noção de causa-efeito que surgira na física e química (LARRABEE, 1935). Cot recentemente, em 2011, publicou um texto que identifica o círculo paretiano de Harvard iniciado por Henderson na década de 1930. A comunidade científica que se debruçou nos textos paretianos era ampla, não se restringindo apenas a sociólogos, mas botânicos, historiadores e até mesmo escritores. Deste círculo um dos maiores expoentes é Talcott Parsons, um dos principais nomes da sociologia americana do

33 Tradução livre: De acordo com a interpretação de Philip Mirowski (1989), Amoroso pode ser adicionado junto de Walras, Jevons, Fisher, e Pareto, ao grupo daqueles que reconhecem que a 'utilidade' tem algumas qualidades em comum com a noção de 'energia'. Mas Amoroso fez mais que isto, procurando pelas mesmas características no sistema produtivo dinâmico. Ele argumentou que a metáfora energética apenas faz sentido num estado estacionário, quando os preços podem ser interpretados não apenas como sinais de escassez, mas também como coeficientes de transformação entre dois tipos de energia: cinética (produto) e potencial (custos). Fora do estado estacionário, o princípio da conservação de energia não é satisfeito e a ESTRUTURA dinâmica deve ser implementada com outras condições, como Amoroso mostrou ao adicionar a energia monetária.

Pós-guerra (COT, 2011), que rendeu em uma de suas obras dedicatória a Henderson e suas lições sobre Pareto.

4.2 PARETO E O MARGINALISMO EM TARASCIO

Vincent Tarascio escreveu sua tese em 1966 sobre a metodologia de Pareto para a Economia. Foram utilizados durante este trabalho algumas de suas considerações, sobretudo dos dois primeiros capítulos onde encontram-se as influências teóricas de Pareto, também como da necessidade de neutralidade ética; ou neutralidade axiológica como pode ser encontrado nesta monografia.

Um ponto necessário para o avanço deste trabalho é a questão que Tarascio em sua tese chamou de: problema da verificação na economia. Somando-se as vozes de Mill (que certamente Pareto leu) e de Neville Keynes, existe um Pareto preocupado em comprovar as teorias de acordo com sua proximidade com os fatos *a posteriori*. A principal diferença entre estes três autores se daria entre N. Keynes e Pareto – aqui talvez outro equívoco historiográfico de Tarascio, na mesma medida da comparação Weber-Pareto, uma vez que nada demonstra que tenha havido um intercâmbio, mesmo que breve das ideias de N. Keynes no pensamento de Pareto. N. Keynes tinha alguns quês que poderiam levá-lo a ser considerado um pluralista (BIANCHI, 1992), mas na leitura de Tarascio (1966) temos que para N. Keynes a determinação numérica era impossível. Este ponto da determinação numérica até mesmo fornece subsídio para se tratar da questão ordinal-cardinal em Pareto, mas no que cerne ao problema da verificação o ponto é que Pareto estava também na vanguarda da estatística, tanto que alguns o consideram um dos pioneiros da econometria (MACCABELLI, 2009; CHIPMAN apud. WEBER, 2001). Esta diferença meramente comparativa empreendida por Tarascio mostra as possibilidades de pensamento que existiam na virada do século XIX para o XX no que cerne a possibilidade de determinação numérica. Já a comparação entre e Mill e Pareto é mais profícua, uma vez que o segundo leu o primeiro, assim também como ambos leram e dedicaram suas ciências ao positivismo.

O ponto que Tarascio defende com mais propriedade nesta seção é sobretudo a questão de Pareto no *Manuale* – a primeira versão do Manual de Economia Política publicado em 1906, sem os dois primeiros capítulos sobre as ciências sociais e sem a revisão do apêndice matemático que existe no *Manuél* de

1909 – ter eliminado em partes a noção de utilidade marginal, propondo-se a tratar a Economia Pura com o artifício das curvas de indiferença de Edgeworth (TARASCIO, 1966, 1972). Pareto não pode ao todo ser enquadrado puramente como marginalista; não basta ser apenas crítico da teoria do valor-trabalho para ser um marginalista, tendo em vista que Pareto também criticava esta posição. Para efeito de prova Tarascio utiliza o seguinte parágrafo de Pareto:

“O preço ou o *valor de troca* é determinado ao mesmo tempo que o equilíbrio econômico, e este nasce da oposição entre os gostos e os obstáculos. Que olha apenas um lado e considera unicamente os gostos, acredita que estes determinam exclusivamente o preço e encontra a *causa* do valor na *utilidade* (ofelividade). Quem olha do outro lado e só considera os obstáculos crê que são exclusivamente eles que determinam o preço e encontra a causa do valor no custo de produção. E, se entre os obstáculos considera apenas o trabalho, encontra a *causa* do valor exclusivamente no trabalho. Se no sistema das condições (equações) que, como vimos, determinar o equilíbrio supusermos que todas as condições estão por si satisfeitas, com exceção daqueles referentes ao trabalho, poderemos dizer que o valor (preço) depende apenas do trabalho, e essa teoria não será falsa, mas simplesmente incompleta. Ela será verdadeira desde que as hipóteses feitas se realizem” (PARETO, 1984, p.130)

Mais uma vez se verifica a abrangência que Pareto configura no seu pensamento, mesmo que o lado crítico pese mais para uma teoria que outra. Tal fato demonstra, então, mais uma afinidade com o marginalismo do que o comportamento de um assecla de tal corrente de pensamento.

Outro ponto que merece atenção nos textos de Tarascio são as mudanças de pensamento de Pareto entre seus diversos períodos intelectuais. Isto fica mais claro em um artigo de 1976 onde as preocupações de estudo de Pareto mudam drasticamente da Economia para a Sociologia a partir de 1906, além de que ao término de sua vida Pareto devotou mais tempo para a Ciência Política que para a Sociologia (TARASCIO, 1976). Ponto que manteve-se inalterado e que encontra-se em qualquer obra de Pareto é a questão da neutralidade ética (para usarmos os termos de Tarascio).

4.3 A QUESTÃO DA CARDINALIDADE OU ORDINALIDADE EM PARETO

Christian Weber (2001) faz uma narrativa bastante interessante e vasta sobre a bibliografia acerca da contribuição de Pareto sobre a questão da ordinalidade nas ciências econômicas. Schumpeter afirma que Pareto desenvolveu

a ideia da ordinalidade, de se comparar cestas de bens ao invés de atribuir valores exatos, mas que só com Allen e Hicks em 1934 teríamos o completo desenvolvimento desta ideia (SCHUMPETER, 1959).

No texto de Weber (2001) nota-se a ideia da ruptura de Pareto do *Cours* para o *Manuél* que tem seu início na virada de 1899-1900, sobretudo com a carta à Pantaleoni em dezembro de 1899. A importância dada a esta ruptura de pensamento é o que faz alguns autores como Hicks, Allen e Samuelson colocarem Pareto com um papel fundamental moderna teoria da utilidade ordinal (WEBER, 2001). Lenfant (2012) fornece outro ponto interessante para lidarmos com a noção de Pareto, seu empirismo e a noção de cardinalidade ou ordinalidade de seus textos. Pareto e Fisher no término do século XIX já forneciam suficiente material para uma derrocada do princípio hedonista da escolha, sobretudo buscando meios de tornar a teoria mais próxima do real, dos fatos observáveis; e tomar decisões de consumo com base na mensuração de utilidade e desutilidade, de prazer e dor, não parecia satisfazer o mecanismo como as pessoas de fato escolhiam (LENFANT, 2012).

Ainda no texto de Lenfant (2012) pode-se notar certa contrafactualidade entre a sua visão e alguns trechos do *Manuél*, uma vez que Lenfant afirma:

“Pareto ([1909] 1971, 29) and Fisher (1892, 5) showed a common reluctance toward a psychological foundation of utility, even though Pareto was rather looking for a temporary separate development of economics and psychology. Psychology at the time was considered as the science of psychical phenomena and sensations, and to some extent it was associated with the development of psychophysics, which is a branch of psychology dealing with the measurement of mental states in relation to external stimuli. It is thus interesting to see how Fisher and Pareto justified the construction of indifference curves and the existence of a utility index. Both seemed to believe that experimentation was impossible in practice but possible in theory.³⁴” (LENFANT, 2012, p. 118)

Foi exposto anteriormente a abertura do capítulo 3 do *Manuél*, onde Pareto defende a necessidade perene de se desenvolver a Psicologia como possível detentora de conhecimentos essenciais para a Economia Política e a Sociologia. Bruni e Guala (2001) são mais cautelosos, trabalhando com diversas opiniões sobre a questão de Pareto ter ou não largado mão dos conceitos psicológicos e do

34 Tradução livre: Pareto e Fisher mostraram certa relutância contra uma fundação psicológica da utilidade, tanto que Pareto buscava um desenvolvimento separado entre a Economia e a Psicologia. A Psicologia naqueles tempos era considerada a ciência dos fenômenos psíquicos e das sensações, e em certa medida associada com a psicofísica, que é o ramo da psicologia que lida com a mensuração de estados mentais através de estímulos externos. É interessante ver como Fisher e Pareto justificaram a construção das curvas de indiferença e a existência do índice de utilidade. Ambos pareciam acreditar que a experimentação era impossível na prática, mas possível na teoria.

princípio hedonista. Ainda estes dois últimos autores adicionam outras considerações que não foram encontradas em outros textos, pesquisados para esta monografia, sobre a questão da ordinalidade nos textos de Pareto. Bruni e Guala (2001) buscam além da questão da ordinalidade na obra de Pareto a questão do operacionalismo. Ambas as buscas ocorrem devido a posição paretiana contra a utilidade marginal e a sua gradual (mesmo que não completa) derrocada.

"Whereas the marginalists of the first generation mostly took utility to be a psychophysical entity such as pleasure-pain, modern economists have officially replaced it with a more abstract mathematical 'index of preferences.' [...] The project of eliminating psychophysical utility, however, took in the thirties two distinct forms: one was ordinalism, the other, revealed preference theory.³⁵" (BRUNI; GUALA, 2001, p. 23)

Por um lado encontramos principalmente o nome de Hicks ligado ao ordinalismo; e por outro na Economia o nome de Paul Samuelson nas preferências reveladas ligadas à noção de operacionalismo. A questão que se levanta é até que ponto Pareto levou uma (ou ambas) destas formas de eliminar a utilidade baseada em preceitos psicofísicos. As conclusões deste texto fornecem um prumo onde nem tanto para uma revolução no modo de pensar a utilidade através de sua derrocada, e nem tanto a manutenção das antigas teorias ocorrem de modo indiscriminado; mesmo que Pareto esteja mais perto daqueles que ele seguira, do que daqueles que o seguiriam (BRUNI; GUALA, 2001).

O campo de discordância na obra de Pareto é vasta. Desde a consideração apenas do *Cours* em relação ao *Manuél* até mesmo quando consideradas as vozes que estudaram outras questões tratadas em sua Economia Pura. Pouca coisa parece residir como ponto pacífico na literatura, podendo ser citados os seguintes pontos: [1] equilíbrio geral como aspecto teórico e analítico da Economia Pura; [2] aproximações sucessivas e preferência pela matemática como métodos; [3] início da crítica ao princípio hedonista nos anos 1899-1900; e [4] que apesar das fortes semelhanças o *Cours* e o *Manuél* tem uma ruptura bastante forte entre si.

35 Tradução livre: Enquanto que os marginalistas da primeira geração consideravam na maioria a utilidade como uma entidade psicofísica tal como prazer-dor, os economistas modernos oficialmente trocaram isto por um mais matematicamente abstrato 'índice de preferências.' [...] O projeto de eliminação da utilidade psicofísica, no entanto, deu-se nos anos de 1930 em duas diferentes formas: uma foi o ordinalismo, a outra a teoria das preferências reveladas.

4.4 O PAPEL DA SUBJETIVIDADE NA ECONOMIA PURA DE PARETO

Depois de considerados os tópicos mais comuns de pesquisa acerca da obra de Pareto, que atestam certa vivacidade da obra deste pensador, este trabalho estabelecerá alguns questionamentos que poderiam excitar um outro debate sobre a metodologia da Economia Pura paretiana. Nesta seção alguns conceitos serão expostos visando demonstrar que o cientista paretiano – aquele que se proponha a pesquisar Economia com as considerações metodológicas de Pareto – desempenha um papel fundamental sobre a exposição dos fatos por ele percebido.

Primeiramente, no *Manuél* existem algumas considerações interessantes sobre a percepção do fenômeno. Ao fazer teoria econômica, ou seja: ao estudar-se algum fato de modo científico é necessário teorizar sobre observações buscando sorver as características objetivas deste fato. Um problema existente é que os fatos estão relacionados por diversas relações objetivas que não poderiam chegar a completude no raciocínio humano, que somente consegue analisar os fenômenos através da primeira noção que nasce em si, ou seja: de noções subjetivas do indivíduo que pesquisa uniformidades.

“É preciso considerar que o fenômeno objetivo somente se apresenta a nosso espírito sob a forma de fenômeno subjetivo e que, portanto, é este e não aquele a causa das ações humanas; para que o fenômeno objetivo possa agir sobre elas, é preciso que ele se transforme primeiro em fenômeno subjetivo.” (PARETO, 1984, p. 31)

Aí já reside um problema: como uma percepção subjetiva dos fatos poderia então elucidar leis dos fenômenos objetivos? Aron (2008) esmiuçando características da visão científica de Pareto fornece uma possível resposta.

“(…) a ciência lógico-experimental tem o dever de afastar todas as noções extra ou metaempíricas. Todos os termos empregados devem referir-se a fatos observados ou observáveis; todos os conceitos devem ser definidos com relação a realidades constatadas diretamente ou suscetíveis de serem criadas pela experimentação.” (ARON, 2008, p. 600)

Mais que isto, deve ser lembrado que a aproximação da teoria com o fato observado é o verdadeiro juiz da boa teoria (PARETO, 1984, p. 11), o que chamar-se-á de critério apofântico de ajuste de teorias. E este critério só pode ser verificado *a posteriori*.

“É evidente que um fenômeno qualquer somente pode ser conhecido mediante a noção que faz nascer em nós; mas, exatamente porque dessa

forma apenas chegamos a uma imagem imperfeita da realidade, sempre precisamos comparar o fenômeno subjetivo, isto é, a teoria, com o fenômeno objetivo, isto é, o fato experimental.” (PARETO, 1984, p.16)

Disto que decorre a noção do método como explicitado por Aron (2008)

“Para Pareto, a ciência é lógico-experimental. Estes dois termos devem ser interpretados rigorosamente. *Lógico* significa que é legítimo deduzir de definições enunciadas, ou de relações observadas, as conseqüências resultantes de premissas. O adjetivo *experimental* abrange ao mesmo tempo a observação, no sentido restrito do termo, e a experimentação. A ciência é experimental porque se aplica ao real e se refere a ele como uma origem e critério de todas as proposições” (ARON, 2008, p. 603)

Neste parágrafo enunciado de Aron fica mais claro o que seriam tanto a noção de ciência lógico-experimental de Pareto, quanto o critério apofântico de análise da boa teoria, do conhecimento científico. Todavia:

“Isto não quer dizer, naturalmente, que a ciência seja uma pura e simples reprodução dos fenômenos que observamos de fora. Muito pelo contrário, a ciência implica uma atividade do espírito que é uma recriação, cujo caráter primordial é a simplificação” (ARON, 2008, p. 601)

Ainda nas palavras de Pareto

“Não é apenas devido à nossa ignorância que as teorias se afastam mais ou menos do concreto. Muitas vezes afastamo-nos do concreto a fim de chegar, como compensação desse desvio, a uma maior simplicidade. (PARETO, 1984, p. 21)

Não existe então um ponto contraditório entre o método das aproximações sucessivas, que busca a proximidade da teoria com o real, em relação ao critério simplificador? Afinal temos que o critério apofântico só pode ser satisfeito em certa medida, pois nunca é possível que algum indivíduo consiga compreender todos os pormenores de um dado fenômeno; por outro lado é necessário também que haja algum nível de simplicidade da teoria. Afinal, qual seria a dose perfeita de cada uma destas forças opostas? O quanto do critério apofântico – guiado pelas aproximações sucessivas – deve ser respeitado e quanto o critério simplificador – resultando em generalizações da teoria – deve ser levado a cabo? Pareto oferece uma resposta para tal questionamento:

“Também o economista, como aliás todos os que estudam fenômenos muito complexos, deve a cada instante resolver o problema de saber até que ponto é conveniente prosseguir o estudo dos pormenores. Não se pode determinar de uma maneira absoluta o ponto onde é vantajoso parar; esse ponto depende da meta a que se propõe.” (PARETO, 1984, p. 21)

Satisfatória ou não, a resposta oferecida por Pareto não fornece nenhuma

objetividade, ou mecanismo eficaz e certo de se contornar a questão da subjetividade. A decisão de se esta resposta satisfaz, ou não, alguma medida metodológica sobre o critério de parada entre os critérios apofântico e simplicador, cabe ao cientista, ao metodólogo, àqueles que utilizarem em algum termo a Economia Pura paretiana. Mas o que garante então que dentro desta subjetividade possamos ter acesso a verdades, uma vez que o critério de comprovação *a posteriori* não pode ser plenamente utilizado quando algum pesquisador julgar ser melhor a simplicidade? E a qual meta Pareto refere-se quando fala do momento da parada de um ou outro critério? Possivelmente o autor do *Manuél* trata da meta de conhecer uniformidades, mas qual é a garantia de que exista acesso a tais uniformidades?

Parece enfim que existe um equilíbrio entre os critérios que só pode ser oferecido pelo cientista. Também considera-se que a realidade não pode ser captada em todos os seus pormenores em completude e com a exatidão que o espírito possa julgar. Até que ponto algo pode ser dado como verdadeiro, só a realidade é juíza. E só é possível saber o quão perto chegamos de uma realidade com uma teoria quando uma nova teoria nos mostra novas provas, porém nunca saberemos o quão perto a teoria está da realidade, seja ela simplificadora, seja ela complexa. Só o que se pode afirmar é que em momento algum – com o que foi exposto da visão de Pareto – a teoria estará dando conta de toda a complexidade da realidade.

CONCLUSÃO

No decorrer do século XIX duas foram as maiores influências teóricas de Pareto, colocados principalmente nos nomes de Auguste Comte e Leon Walras; este segundo nome pode ser criticado por alguns posicionamentos: seja pela substituição por Irving Fisher, Cournot, Edgeworth, Pantaleoni ou qualquer outro nome; ou então pela impossibilidade de elencar-se apenas um nome como a principal referência de Pareto no que cerne à Economia Pura. Por outra via Auguste Comte também sofre alguns ataques, colocando em alguma medida Pareto interessado na evolução das ciências e suas interdependências através do referencial posto por Spencer. Todavia Auguste Comte é a influência que mais se aproxima como o principal nome da carga intelectual de Pareto, tanto diretamente pelo lado do positivismo como pela via indireta na linhagem Mill-Cairnes desembocando na “Revolução Marginalista”, ou o nome que mais próximo se encontra de ser ponto pacífico por aqueles que em algum momento se dedicaram as leituras de Pareto.

Existem considerações no *Cours* que parecem colocar a Economia Política como derivada, dependente das mais variadas formas de ciências. O principal mecanismo para basilar a Economia Política enquanto ciência são as analogias encontradas em grande quantidade nas obras de Pareto.

Tratando da Economia Pura paretiano foram identificados traços comuns entre o *Cours* e o *Manuél*, porém com uma ruptura entre estas duas obras por volta de 1899-1900. Temos constantes a noção de equilíbrio geral, interdependência, aproximações sucessivas, porém com a ruptura ocorrida em seu pensamento surgem aberturas para considerá-lo em três principais vias de pensamento: entre os marginalistas que acreditam na ofelividade (para usar o termo paretiano) cardinal; entre os ordinalistas que acreditam na ordenação de cestas; ou ainda como um operacionalista. A maioria dos trabalhos utilizados neste trabalho não conseguem fixar Vilfredo Pareto apenas em uma das três categorias sobre o tema da ofelividade, por alguns motivos: [1] pois é certa a ruptura com a noção de teoria de valor em Pareto, o que derroca sua participação do marginalismo, movimento ao qual ele fora bastante crítico; [2] o projeto ordinalista só foi concluído na década de 1930 como uma teoria mais sólida, sendo assim Pareto apenas passara por tais considerações, estando longe de ter possibilidades teóricas para lidar com firmeza sobre tal assunto; [3] apenas um texto, dos utilizados, relacionou Pareto com o

operacionalismo, mostrando que é um assunto um tanto mais incomum, porém os autores que fizeram tal relação (BRUNI; GUALA, 2001) a fizeram com propriedade o suficiente para colocar Pareto como um “lançador” de tal projeto, na mesma medida que colocam Pareto como “lançador” do projeto ordinalista (SCHUMPETER, 1959; BRUNI; GUALA, 2001; TARASCIO, 1966; LENFANT, 2012; WEBER, 2001).

Deste exposto resta que Pareto faz em algum momento parte destas 3 correntes descritas, e ao mesmo tempo não se identifica plenamente com nenhuma. Nem seus seguidores na Itália do entre guerras o fizeram de modo pleno e completo, mostrando não apenas avanços na visão que Pareto tinha do equilíbrio geral, mas também construindo novas percepções sobre a teoria do equilíbrio geral (POMINI; TUSSET, 2001).

Mesmo que alguns autores falem da Escola da Lausanne (SCHUMPETER, 1958, 1959; TARASCIO, 1966), temos que não existe nenhuma linearidade, ou continuidade ampla entre Walras e Pareto, salvo na relação do *Cours* com a obra de Walras, assim também como não é possível delimitar um grande grupo debatendo Pareto em Lausanne ou na Itália. Grupos mesmo de debate sobre a obra de Pareto só foram surgir na década de 1930 nos EEUU, sendo um deles mais voltado para a Sociologia de Pareto e a noção do equilíbrio geral ali encontrado que é o círculo paretiano de Harvard aberto por Henderson e muito bem estudado por Cot (2011). Schumpeter (1959) cita também a existência de um grupo de estudo de sociólogos, porém tão brevemente que pode até ser que se trate do mesmo círculo estudado por Cot, mas aí apenas um estudo mais apurado sobre isto poderia escavar das entranhas do monstruoso *History of Economic Analysis* de Schumpeter o real grupo ali citado em apenas uma linha do trabalho.

Sobre a predileção do *Cours* ou do *Manuél*, nenhum autor parece manter-se neutro, pois existem opiniões que colocam o *Cours* como a principal obra de Pareto, outros colocam o *Manuél* como tal. Fato interessante exposto por Schumpeter (1958) é que o *Cours* não foi reeditado, inclusive Pareto não queria uma reedição de tal obra, fato que ocorreu com o *Manuél*, que antes na versão italiana de 1906 não tinha os dois primeiros capítulos sobre a ciência social que foram acrescentados. Também o apêndice fora reformulado. Se a continuidade de uma obra depende de sua adequação a novas interpretações e compreensões sobre o que é ciência, ao menos com o *Manuél* Pareto teve algum cuidado maior reeditando tal obra.

Exposto brevemente, no final da última seção do último capítulo, reside um

rascunho sobre um problema que poderia ser estudado, e que não foram encontrados materiais que versassem sobre. O papel da subjetividade mal resolvida da relação do cientista com o fato estudado, observado não tem uma solução ampla de até onde deve-se desenvolver as minúcias teóricas para lidar com um problema, assim também como não existe considerações suficientes para a simplicidade da teoria. Se existe a navalha de Occam que preza pela simplicidade, temos com Pareto uma nova consideração sobre o conhecimento científico, a criação de uma “navalha de Pareto” das teorias, equilíbrio entre a simplicidade, a generalidade, com a completude, a especificidade.

Se quando Pareto afirma que a ciência é analítica e a realidade sintética, devemos interpretar os critérios apofântico e simplificador sob a questão da análise, da abstração, da percepção do caso específico, mas sempre que se for reformular para dar conta da realidade deve-se aglomerar, reunir os dados coletados até então. Deste modo cada um dos critérios também se colocam em dois caminhos possíveis. Pode-se ter o critério apofântico, guiado pelas aproximações sucessivas, aglomerando novas especificidades, como a Terra que é redonda, passa a ser elipsoide, geoide, ter montanhas e fossas, para também termos a consideração de dados cada vez mais específicos sobre um tema, separando o equilíbrio em produção, gostos e obstáculos, analisando o gosto entre ofelimitades de produtos, de modo que teríamos cada vez categorias mais fáceis de poderem ser compreendidas e comparadas com a realidade. Por outro lado com o critério simplificador poderíamos fazer os mesmos caminhos, porém na ordem inversa. Tem-se assim dois critérios que merecem a possibilidade de estudo dentro da obra paretiana, pois com estas categorias de análise de teorias se colocaria não uma verdade absoluta de um fenômeno pleno e completo que não há como ter acesso, mas a relevância que o cientista desempenha no seu estudo, na sua pesquisa.

Por fim, há de se ver que a última seção deste trabalho é um tanto mais especulativa, mas que somente com toda a exposição anterior seria possível trabalhar com tal pensamento. O trabalho passou por várias fases do pensamento de Pareto, desde sua influência até as novas pesquisas que surgem sobre seu papel no pensamento econômico. Mas uma consideração final é de que Pareto além de um economista, de certo ponto foi também um metodólogo de tal área do saber. É sobre este Pareto que espera-se ter tratado durante o trabalho, e que novas considerações sobre o método em Economia possam ser levantados a partir daqui.

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, L. Vilfredo Pareto. **Econometrica**, v. 6, n. 1, p. 1-21, 1938.
- ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BIANCHI, A. M. Muitos Métodos é o Método: A Respeito do Pluralismo. **Revista de Economia Política**, v. 12, n. 2, p. 135-142, 1992.
- BONGIORNO, A. A Study of Pareto's Treatise on General Sociology. **American Journal of Sociology**, v. 36, n. 3, p. 349-370, 1930.
- BRUNI, L.; GUALA, F. Vilfredo Pareto and the Epistemological Foundations of Choice Theory. **History of Political Economy**, v. 33, n. 1, 21-49, 2001.
- COT, A. L. A 1930 North American Creative Community: The Harvard "Pareto Circle". **History of Political Economy**, v. 43, n. 1, p. 131-159, 2011.
- LARRABEE, H. A. Pareto and the Philosophers. **The Journal of Philosophy**, v. 32, n. 19, p. 505-515, 1935.
- LENFANT, J-S. Indifference Curves and the Ordinalist Revolution. **History of Political Economy**, v. 44, n. 1, p. 113-155, 2012.
- MACCABELLI, T. Measuring inequality: Pareto's Ambiguous Contribution. **History of Political Economy**, v. 41, n. 1, 183-208, 2009.
- MARCHIONATTI, R.; GAMBINO, E. Pareto and Political Economy as a Science: Methodological Revolution and Analytical Advances in Economic Theory in th 1890s. **Journal of Political Economy**, v. 105, n. 6, 1322-1348, 1997.
- MELAZZINI, A. **Vilfredo Pareto Tenacino: "signore incaricato" nella Società del Ferro in Valdarno**. Milão: Università Commerciale Luigi Bocconi, 1999. Tesi di Laurea (Doutorado em Economia Política) – Facoltà di Economia, Università Commerciale Luigi Bocconi.
- MILL, J. S. **Comte y el Postivismo**. Buenos Aires: Aguilar, 1977.
- MIROWSKI, P. **More Heat than Light. Economics as Social Physics: Physics as Nature's Economics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- OULÉS, F. **L'ecole de Lausanne**. Paris: Dalloz, 1950.
- PARETO, V. **Corso di Economia Política**. Torino: Einaudi, v. 1, 1953a.
- PARETO, V. **Corso di Economia Política**. Torino: Einaudi, v. 2, 1953b.
- PARETO, V. **I sistemi socialisti**. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1951.

PARETO, V. **Manual de Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 2 vol, 1984.

PARETO, V. **Traité de Sociologie Générale**, 1. Paris: Librairie Payot & cie, 1917.

POMINI, M.; TUSSET, G. Habits and Expectations: Dynamic General Equilibrium in the Italian Paretian School. **History of Political Economy**, v. 41, n. 2, p. 311-342, 2009.

RICCI, U. Pareto and Pure Economics. **The Review of Economics Studies**, v. 1, n. 1, p. 3-21, 1933.

SCHUMPETER, J. A. **Dez Grandes Economistas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

SCHUMPETER, J. A. **History of economic analysis**. New York: Oxford University Press, 1959.

SIQUEIRA, W. H. **Ensaio sobre a transição da economia clássica para a neoclássica: Aspectos filosóficos e historiográficos**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1988. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SKINNER, Q. Meaning and Understanding in the History of Ideas. **History and Theory**, v. 8, n. 1, p. 3-53, 1969.

TARASCIO, V. J. **Paretos's Methodological approach to economics: a study in the history of some scientific aspects of economic thought**. Houston: Rice University, 1966. Tese (Doutorado em Economia) – Rice University.

TARASCIO, V. J. Vilfredo Pareto and Marginalism. **History of Political Economy**, v. 4, n. 2, p. 406-425, 1972.

TARASCIO, V. J. Pareto: A View of the Present through the Past. **Journal of Political Economy**, v.84, n.1, p 109-122, 1976.

WEBER, C. E. Pareto and the 53 Percent Ordinal Theory of Utility. **History of Political Economy**, v. 33, n. 3, p. 541-576, 2001.